

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS**

LUCAS SOUZA ROSALIN

**ATIVIDADES RECREATIVAS E ESPORTIVAS NA ASSOCIAÇÃO DOS
FUNCIONÁRIOS DOS BANCOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (1923 - 1930)**

GUARULHOS

2018

LUCAS SOUZA ROSALIN

**ATIVIDADES RECREATIVAS E ESPORTIVAS NA ASSOCIAÇÃO DOS
FUNCIONÁRIOS DOS BANCOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (1923 - 1930)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial
para obtenção do grau em Bacharel e
Licenciado em História.**

Orientador: Luigi Biondi

GUARULHO

2018

Rosalin, Lucas Souza

Atividades recreativas e esportivas na Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo (1923 - 1930) / Lucas Souza Rosalin. - Guarulhos, 2018.

67 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

Orientador: Luigi Biondi

Título em inglês: Recreational and sports activities in the Association of Bank Employees of the State of São Paulo (1923 - 1930)

1. Mutualismo. 2. Bancários 3. História do Trabalho I. Título

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

LUCAS SOUZA ROSALIN

**ATIVIDADES RECREATIVAS E ESPORTIVAS NA ASSOCIAÇÃO DOS
FUNCIONÁRIOS DOS BANCOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (1923 - 1930)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial
para obtenção do grau em Bacharel e
Licenciado em História.**

Orientador: Luigi Biondi

Aprovado em: () () de 2018

**Prof. Dr. Janes Jorge
Universidade Federal de São Paulo**

**Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo**

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo perseguir duas questões centrais para o estudo das associações de ajuda mútua no Brasil na virada do século XIX para o XX. A primeira, busca contemplar um aspecto pouco estudado pelos historiadores do trabalho. Para Cláudio Batalha o *caráter híbrido* presente nas sociedades mutualistas abrangendo, de modo articulado, ações de cunho mutualista/previdenciário, educativo e sindical/reinvidicativo foi pouco contemplado pelos trabalhos recentes. Portanto, tentei identificar na Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo essa característica destacada por Cláudio Batalha. O segundo objetivo é mostrar como as atividades esportivas, principalmente, o futebol funcionaram como importantes instrumentos mobilizadores de toda a "classe bancária" para a construção da identidade dos funcionários dos Bancos.

Palavras-Chave: 1. Mutualismo. 2. Bancários 3. História do Trabalho

ABSTRACT

The present research aims to pursue two central questions for the study of mutual aid associations in Brazil at the turn of the nineteenth century to the twentieth. The first one seeks to contemplate an aspect little studied by the historians of the work. For Claudio Batalha, the hybrid character present in the mutual societies, covering, in an articulated way, mutualistic / social security, educational and trade union / claimant actions was little contemplated by the recent works. Therefore, I tried to identify this characteristic highlighted by Cláudio Batalha in the Association of Employers of the Banks of the State of São Paulo. The second objective is to show how sports activities, especially soccer, functioned as important mobilizing instruments of the whole "banking class" for the construction of the Bank employees' identity.

Keywords: 1. Mutual. 2. Bank employer 3. History of work

LISTAS

LISTAS DE IMAGENS

Charge 1 - Charge publicada no periódico *Vida Bancária*, setembro de 1928, edição de número 48.....29

LISTA DE SIGLAS

A.F.B.E.S.P Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - O debate historiográfico envolvendo as associações mutualistas	13
CAPÍTULO 2- A Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo e sua cultura associativa mutualista.	28
2.1 - Suas principais reivindicações sindicais	34
2.2 - Ações de caráter educativo.....	43
CAPÍTULO 3 - A importância das atividades esportivas	48
3.1 - O futebol como instrumento para a construção da identidade bancária	51
3.2 - A diferença entre a recepção do movimento operário à popularização do futebol e a Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo.....	54
CONCLUSÕES.....	63

INTRODUÇÃO

Os objetivos dessa pesquisa são dúplices e articulados entre si. O primeiro busca destacar um aspecto historiográfico que segundo, Claudio M. Batalha (2009) foi pouco explorado pelos trabalhos que procuravam pensar as associações de ajuda mutua.

Para o professor da Unicamp, a caráter híbrido presente nessas entidades não foi enfatizado pelos outros autores que se debruçaram sobre o tema. Essa relação, consiste em identificar os diferentes objetivos presentes simultaneamente nessas associações. O aspecto previdenciárias/mutualista, sindical e educativo.

Na Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo, consegui identificar esse *caráter híbrido*. Pois, ao mesmo tempo em que possuíam ações de proteção aos seus associados e familiares de uma situação de vulnerabilidade social oferecendo serviços médicos, funerário e pagamento de pensões para trabalhadores acidentados ou enfermos. Característica típica de entidades de auxílio mutuo. Havia também a preocupação em negociar com o patronato melhores condições de trabalho, aumento salarial e denunciando abusos sofridos pelos seus representados, sempre respeitando os limites legais impostos pela legislação da época.

Esses objetivos da entidade podem ser identificados com características sindicais, entretanto não podemos perder de vista o perfil dos funcionários bancários durante a década de 1920, essas pessoas não se identificavam com o proletariado convencional. Mesmo sendo assalariados e estabelecendo uma relação social de venda de sua força de trabalho, os bancários eram trabalhadores que vinham de origem burguesa ou das classes medias altas. Esse perfil do funcionário bancário nos ajuda a entender a pequena, mas existente mobilização em torno das questões sindicais.

A associação desenvolvia também ações de cunho educativo, oferecendo cursos de contabilidade e línguas estrangeiras para complementar a formação profissional dos bancários, juntamente com a construção coletiva de uma biblioteca com títulos interessantes ao conjunto dos associados .

Outro aspecto interessante são as estratégias utilizadas pela entidade procurando angariar apoio das instituições financeiras em que seus associados trabalhavam para financiar a criação de clubes e times esportivos com o objetivo de participar dos campeonatos e ações desenvolvidas pela associação.

Desse modo, temos nosso segundo objetivo, pois ao analisar as atividades recreativas e esportivas desenvolvidas pela associação. Somos capazes de identificar estratégias educativas e sindicais articuladas, com o objetivo de construir maiores laços corporativos e identitários entre os bancários.

Os valores identitários incentivados através do esporte pela associação bancária são de cunho disciplinador, buscando formar funcionários saudáveis fisicamente e moralmente. Possibilitando desenvolver melhor as responsabilidades do ofício bancário.

Durante a prática esportiva determinados valores morais, éticos, corporativos e identitários são incentivados entre a "classe bancária" pela associação, todavia outros são excluídos e repudiados. Sempre com a idéia de parecerem aceitáveis e legitimados pela burguesia tradicional banqueira. Sendo assim, é importante identificarmos quais valores são esses e como eram incentivados pela A.F.B.E.S.P.

Para perseguir os objetivos proposto para o trabalho, o principal conjunto de fontes que foi analisado são as publicações do periódico *Vida Bancária*. O periódico foi idealizado e confeccionado pela Associação dos Funcionários Bancários do Estado de São Paulo. Podemos encontrar essas publicações no Centro de Documentação Digital (CEDOC-Digital) do, atual, Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região.

O jornal *Vida Bancária* começou com publicações mensais em outubro de 1924 e funcionava como o principal instrumento de diálogo e publicidade dos serviços e eventos que aconteciam na associação. Para Letícia Canêdo com o objetivo de

“ intensificar a propaganda associativa, foram criados em 1924 o Clube bancário e um jornal - *Vida Bancária*- que tinha por objetivo ‘dar publicidade aos problemas que os empregados têm que resolver e as soluções que forem apontadas para estes problemas’¹

Outro objetivo de *Vida Bancária* estava ligado ,principalmente, às questões referentes ao cotidiano das pessoas que trabalham com o mercado financeiro. Eram divulgadas notícias que teriam impacto direto ou indireto no trabalho do bancário. Por exemplo, novas leis e práticas que teriam relação com às instituições financeiras e todo tipo de informação que agregaria ao ofício bancário.

¹ CANÊDO, Letícia. **Bancários: aspirações de carreira, organização sindical e participação política**, 1978, São Paulo, p 33.

Como exemplo temos a coluna escrita pelo Dr. Decio Ferraz Alvim , identificado como advogado da A.F.B.E.S.P, que trata de uma questão jurídica muito específica, algo relacionado a “garantias” e ”fiadores”, mas a idéia é somente ilustrar não se aprofundar nesse caso.

“Achando-se uma cambial em cobrança em um estabelecimento bancário, uma terceira pessoa para honrar uma das firmas existente neste documento, pagou e aparece em juízo com acção executiva contra o accitante”²

Em alguns momentos eram destacadas algumas notícias convencionais e cotidianas que naturalmente encontramos em outros jornais que não pertenciam ou tinham compromisso com uma categoria em específico, mas elas servem para mostrar o quanto os bancários e principalmente o periódico *Vida Bancária* não funcionavam de modo isolado da sociedade, mas sim informando seu associado e leitor das principais discussões brasileiras e mundiais.

Outra parte importante de *Vida Bancária* era o questão da prestação de contas aos seus associados, divulgando os “balancetes” com os gastos e arrecadações, estatutos e as assembléias, juntamente com informações sobre os associados que fizeram parte das decisões.

Abaixo, vemos a associação prestando esclarecimentos dos gastos com “pecúlios pagos pela A.F.B”. Esses pecúlios eram pagos para a família do associado em caso de falecimento e eram citados os nomes e a quantia recebida:

“1º A. Condor, do Banco Hallandez da América do Sul, foi pago a viuva D. Filomena Caltabiano Conter, o peculio de rs. I:949\$000...

“2º Max Assmann, do Banco do Brasileiro-Alemão, foi pago ao sr. Guilherme Assman inventariante dos bens, o peculio de rs. I:550\$000...”³

O periódico funcionava como um “porta-voz” dos funcionários bancários divulgando os eventos culturais, recreativos, esportivos e até os bancários aniversariantes do mês. A todo momentos os associados eram encorajados a participar dos textos que seriam publicados, deveriam enviar uma carta a sede da associação com

² Retirado de *Vida Bancária*, nº 9, Junho de 1925.

³ Retirado de *Vida Bancária*, nº 2, Novembro de 1924.

seu texto, que passaria por uma avaliação e ,então, publicado. Os assuntos poderiam ser os mais variados, em muitos espaços é encontrado poesias, contos, textos de teor religioso e outras mensagens que procuravam estimular a curiosidade dos leitores.

“ Cada empregado deve ter o seu modo de pensar quanto aos assumptos que interessam a classe...cada um tem também o direito, o dever de dar publicidade a suas opiniões, de defendei-as...”⁴

No trecho acima, fica claro o quanto a A.F.B.E.S.P tem o interesse de que os funcionários bancários participem das publicações do jornal, com o objetivo de dar maior legitimidade perante toda a comunidade bancária

Era, também, dedicado muito espaço para denúncias e reivindicações dos bancários por melhores condições de trabalho e exigências salariais. Criando um canal de discussão entre os associados, possibilitando a troca e o embate de idéias sobre os principais assuntos que estavam mobilizando a “classe bancária”.

Uma parte importante que será analisada são as publicações relacionadas a prática e promoção do esporte entre os bancários. A princípio, essas discussões apareciam sem um espaço destinado especificamente para dos esportes. As publicações aconteciam naturalmente, conforme as discussões tomavam força na associação. Os bancários usavam os espaços para mostrar suas idéias e opiniões sobre a organização de eventos esportivos promovidos pela associação que poderiam variar entre competições ou encontros amistosos.

Após algumas publicações em que os esportes vão ganhando força entre os bancários, é separada uma parte do jornal para a “secção esportiva”, destinada exclusivamente para os discussões a respeito de esportes. Essas discussões poderiam ser sobre eventos esportivos oferecidos pela associação ou textos comentando sobre os principais esportes e competidores a nível mundial.

Além do periódico *Vida Bancária*, outras fontes serão usadas. As entrevistas feitas por Letícia Bicalho Canêdo para escrever sua tese intitulada *O Sindicalismo Bancário em São Paulo*. Essas entrevistas foram feitas durante a década de 1970 e a pesquisadora procurou antigos funcionários que presenciaram de perto o nascimento da Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo e relatam como era a

⁴ Retirado de *Vida Bancária*, nº 5-6, Fevereiro-Março de 1925.

experiência de trabalhar nas instituições financeiras nas primeiras décadas do século XX possibilitando reconstituir uma memória a respeito da própria associação.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região possuem uma biblioteca com material bastante específico sobre o sindicalismo em São Paulo e no Brasil. A biblioteca é atrelada ao arquivo do sindicato, todavia por falta de recursos financeiro e logística apropriada a documentação não está organizada e catalogada como o necessário. Isso acabou impedindo que outras fontes primárias do recorte proposto, 1924 a 1930, fossem encontradas e analisadas, pois diante daqueles armários de ferro e grandes caixas precisaríamos, talvez, de anos e muitos recursos para organizar aquele interessante acervo.

Por conta disso, fiz a escolha de utilizar as publicações de *Vida Bancária*, nas quais encontramos em sua grande maioria digitalizadas no CEDOC-Digital do sindicato e outras fontes que já foram analisadas em outros trabalhos, mas que nos permite cruzar e relacionar estabelecendo maiores diálogos entre esses materiais.

CAPÍTULO 1 - O debate historiográfico envolvendo as associações mutualistas

As associações de ajuda mútua são uma das mais importantes manifestações da cultura associativa encontrada entre trabalhadores e funcionários urbanos na sociedade brasileira entre a virada do século XIX para o XX.

Este presente trabalho, focaliza na experiência dos funcionários bancários, principalmente durante a década de 1920, e sua cultura associativa mutualista desempenhada pela Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo (A.F.B.E.S.P), possibilitando melhor compreender as características e os espaços ocupados nas relações sociais e de trabalho praticadas por esses funcionários repletos de particularidades e peculiaridades.

As associações mutualistas são entidades que ganham força na virada do século XIX e nas primeiras décadas do XX. São identificadas com trabalhadores mais qualificados, especializados e assalariados nas quais não se identificavam com os operários tradicionais, como, por exemplo, os artesãos. Esses buscavam se organizar para dirimir a ausência do estado brasileiro das “questões sociais”⁵.

Todavia, as entidades mutualistas não estavam restritas somente aos trabalhadores especializados ou pertencentes as camadas medianas da sociedade, pois é muito frequente encontrarmos associações de ajuda mútua ligadas aos operários fabris tradicionais.

Ao longo do trabalho vou me atentar a esmiuçar os principais serviços e atividades desenvolvidas pelas associações de ajuda mútua com o objetivo de mostrar o vácuo deixado pelo recém constituído estado republicano e pós abolicionista na “questão social” e quais eram as maneiras encontradas pela associação bancária para diminuir os efeitos dessa ausência estatal ao menos para a “classe bancária”.

Primeiramente, gostaria de dedicar especial atenção a alguns aspectos historiográficos relacionados às mutuais e como a historiografia compreendeu a diversificada classe trabalhadora brasileira.

Por muitos anos as associações de ajuda mútua foram excluídas e esquecidas de análises acadêmicas no Brasil, buscarei compreender esses motivos, e em quais momentos começam a aparecer mudanças nessas concepções historiográficas.

⁵VISCARDI, Cláudia. **O Ethos mutualista: valores, costumes e festividades**. In: Organizar e Proteger: Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p.193-218.

Os trabalhos historiográficos que, tradicionalmente, contemplavam os estudos sobre a classe trabalhadora brasileira sofrem grandes mudanças metodológicas nos finais dos anos 1970 e durante os anos de 1980. Os principais responsáveis por essas mudanças foram os pesquisadores ligados à chamada História Social do Trabalho.

Até o surgimento desses núcleos os principais trabalhos que buscavam estudar a classe operária brasileira provinham de pesquisadores militantes, ligados a movimentos sindicais, partidos políticos etc. Por outro lado, os pesquisadores com objetivos acadêmicos eram ,principalmente, os sociólogos que através das chamadas "sínteses sociológicas" buscavam explicar as origens e formação da classe trabalhadora brasileira. Ambas as produções deixaram uma série de lacunas e hiatos que deveriam ser pensados e respondidos por autores no final dos anos de 1970, 1980 e 1990.

Entre essas duas produções: a militante e as sínteses sociológicas, ambas produzidas principalmente entre 1950 e até 1960, havia uma série de perspectivas metodológicas e ideológicas que não permitiam observar os operários brasileiros com a complexidade e a capilaridade inerente a eles.

A produção feita por militantes, como coloca Claudio H. M. Batalha, tinha como objetivo legitimar a ação sindical e dos movimentos em que estavam inseridos juntamente com sua corrente ideológica ou partidária de preferência deixando de lado uma análise que buscasse compreender a dinâmica dos diferentes modos organizativos dos trabalhadores.⁶ As sínteses sociológicas tinham como objetivo construir grandes modelos explicativos para uma suposta "Evolução" ou "Desenvolvimento" da classe operária brasileira. Esses trabalhos colocavam como o único movimento de trabalhadores, inicialmente, dignos de "cidadania historiográfica" eram os sindicatos e grupos políticos alinhados com visões de mundo combativas perante as estruturas sociais, políticas e econômicas dominantes.

Desse modo, as sínteses sociológicas não tinham o objetivo de buscar respostas e compreender os dinâmicos processos de rupturas e continuidades muito presentes no multifacetado processo de urbanização brasileiro, mas procuravam identificar as

⁶BATALHA, C. H. M. **A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências.** In: Freitas, Marcos César. (org). *Historiografia brasileira em perspectiva.* - 4ª. ed.. São Paulo: Contexto, 2001.

supostas “origens” do que viriam a ser os futuros sindicatos aparelhados pela estrutura estatal varguista, a partir dos anos de 1930⁷.

Claudio Batalha mostra o quanto a tradição desses historiadores em eleger a partir de 1910 o “período de ouro” da classe operária e deixando para os anos anteriores adjetivos como “infância” ou pré-história da classe trabalhadora foi prejudicial para a produção de um conhecimento mais fidedigno sobre o operariado brasileiro. Para o autor é preciso pensar a “formação” da classe operária não como um processo a-histórico, etapista e irreversível.⁸

Portanto, atribuir a determinados segmentos do operariado maior ou menor nível de importância, ou serem dignos, ou não, de “cidadania historiográfica” não permite observar o diversificado modo encontrado pelos operários de organização frente às demandas concretas enfrentadas no mundo do trabalho e nas relações sociais experimentadas por essas pessoas recém incluídas em uma sociedade urbana.

Já E.P. Thompson no seu clássico sobre a formação da classe operária na Inglaterra, assinalava que bem no começo do processo de industrialização criou-se um ambiente favorável para a criação de diferentes formas organizativas por parte dos trabalhadores.

"Por volta de 1832, havia instituições de classe operária solidamente fundadas e autoconscientes - sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas, periódicos - além das tradições intelectuais, dos padrões comunitários e da estrutura da sensibilidade da classe operária."⁹

Mais recentemente, para Cláudia Viscardi em *O Ethos Mutualista: valores, costumes e festividades* (2014) um dos motivos que levaram a essa exclusão e esquecimento das mutuais eram o fato de as sociedades de ajuda mútua terem seus valores éticos e morais mais próximos dos setores médios e burgueses da sociedade em comparação ao “operariado tradicional”. Nesse sentido, as pessoas ligadas a

⁷ ANDRADE, S. Humberto. **Gráficos e Mutualismo: a trajetória da Associação Tipográfica Baiana** (Salvador, final do século XIX e início do século XX). Assis. 2014. p. 25.

⁸ BATALHA, C.H.M. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro no século XIX-XX: algumas reflexões em torno da formação da classe trabalhadora operária**, Cadernos AEL.nº 10-11. Campinas: IFCH-Unicamp, 1999.

⁹ THOMPSON, E.P. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, V.III. p. 340.

movimentos associativos mutualistas não se enquadravam nas características tidas como “ideal” para merecerem ser pesquisadas e estudadas.

Dentre esse valores éticos e morais, incentivados pelos mutuais, a autora coloca:

"Importava aos trabalhadores respeitarem seus patrões para que pudessem cultivar sua estima. Longe estavam de empenharem a bandeira da luta ao da resistência contra eles. Ser moralizado significava respeitar a ordem, aceitar as hierarquias, não se envolver em conflitos contra os patrões, combater os vícios, valorizar a pureza e a família."

Outra autora, Mary Clawson (1989) pesquisadora da Universidade de Princeton, chama esse relação desenvolvida nas mutuais de “Fraternalismo”. Para ela, tais movimentos associativos compartilhavam do mesmo modelo cultural caracterizado pelo reforço da masculinidade, do corporativismo, da ritualização e a valorização da propriedade privada.¹⁰

Viscardi, ao analisar, como o próprio título sugere, as diferentes ações de sociabilidade e valores promovidas pelas mutuais. Chama a atenção para o caráter reformista dessas entidades, nas quais não tinham como objetivo principal o embate entre as diferentes classes sociais.

As entidades mutualistas eram muito diferentes das entidades alinhadas com perspectivas marxistas nas quais tinham como base ideológica e de atuação política a "luta de classes". Todavia, isso não impedia que diversas pautas de reivindicações surjam ou ganhem o apoio dessas associações. Como ,por exemplo, o descanso dominical ou a subida de preço dos alimentos.

Como Cláudia Viscardi coloca:

"(...) a ética entre os trabalhadores mutualizados era mais próxima à dos setores médios e das elites do que à dos próprios trabalhadores. Em outras palavras, os mutualizados tendiam a reproduzir valores vitorianos de comportamento"

Como resultado dessas características inerentes às mutuais tivemos a exclusão dessas associações das primeiras análises durante os anos de 1950 e 1960, sejam elas, as

¹⁰ CLAWSON, Mary. **Constructing brotherhood: classa, gender, and fraternalism**. New Jersey, Princeton University Press, 1989, p.10.

análises acadêmicas ou militantes. Pois, para essas perspectivas as entidades de ajuda mútua não se enquadravam no ideal da classe operária que tinham em mente.

Por outro lado, para os acadêmicos e produtores das sínteses sociológicas a idéia de “embrião” ou “embrionária” teve grande força e fez escola. Definindo os fenômenos não por aquilo que é, de fato, mas o que virá a ser.¹¹ Oferecendo a essas entidades uma perspectiva hierarquizada e evolutiva da história, pois para essa concepção as sociedades de ajuda mútua foram transformadas quase que de modo “natural” em entidades sindicais.

Nesse mesmo sentido, segundo Tânia Regina de Luca, ao estudar o mutualismo em São Paulo,

"analisando mais de perto a questão foi possível perceber que o desprezo pelo mutualismo subordina-se menos à sua pequena importância do que a posicionamentos teóricos assumidos pelos pesquisadores"

No trecho acima fica claro o quanto as mutuais estavam presentes no cotidiano dos trabalhadores. Oferecendo alguma assistência e espaço para a criação de possíveis demandas reivindicatórias muito antes do aparecimento e consolidação dos sindicatos como os principais representantes dos interesses da classe trabalhadora. Mesmo assim, foram excluídas das análises acadêmicas por não atuarem com as características de ação política desejadas pelo pensamento acadêmico do período.

Iniciando esse novo momento para a historiografia brasileira, Tania Regina de Luca (1990) busca compreender a classe operária brasileira em sua obra intitulada *O sonho do futuro assegurado*. Dentre as muitas contribuições dessa pesquisadora para os estudos sobre a recém consolidada classe operária brasileira a idéia de “Contemporaneidade” aparece de maneira muito clara.

A autora chama a atenção para o funcionamento de associações de ajuda mútua no mesmo período e espaço geográfico de entidades sindicais alinhadas com visões de esquerda e combativas. Desse modo, a autora mostra empiricamente o quanto a visão “embrionária” muito presente nas sínteses sociológicas dos anos de 1950 à 1970 não eram sustentáveis.

¹¹ LUCA, Tania Regina de. **O sonho do futuro assegurado**. São Paulo, Contexto; Brasília, DF: CNPq, 1990, p.7.

Para Luca as experiências sindicais e mutuais são “contemporâneas e não excludentes”, existindo as duas experiências de movimentos associativos ao mesmo tempo. A autora, também, chama a atenção para a falta de naturalidade na transformação das mutuais em entidades sindicais.

Para ela não podemos estender essa experiência para todas as associações de ajuda mútua, mas é necessário perceber as dinâmicas internas e específicas de cada entidade isolada. Temos que compreender o mutualismo como um:

"objeto de análise distinto e dotado de especificidades: (...) as sociedades de auxílio foram tomadas como representantes de uma fase inicial e curta, logo seguida pelo aparecimento dos sindicatos. (...). Por outro lado, a suposta incompatibilidade entre as mutuais e o desenvolvimento de relações capitalistas de produção não resiste a uma análise mais profunda. ¹²"

Até o trabalho referencial de Tânia Regina de Luca, a produção que buscava contemplar a classe operária brasileira tinha em seus paradigmas a busca por uma classe trabalhadora “típica” e “idealizada” muito alinhada com perspectivas militantes.

Por outro lado, os acadêmicos que produziam as sínteses sociológicas possuíam uma visão teleológica e evolutiva da história, pois estavam bastante alinhados com as concepções “positivista” que dominava o espectro ideológico e metodológico durante os anos de 1950, 1960 e começo de 1970.

Essa questão da busca pela classe trabalhadora “típica” ou “ideal” chama a atenção de Fabiane Popinigis (2007) em *Proletários de Casaca: Trabalhadores do Comércio Carioca (1850 - 1911)*. O interesse dessa autora, está principalmente, em discutir os trabalhadores que compunham as chamadas “Classes Médias”.

Em sua visão, a produção historiográfica mais recente tendeu a excluir segmentos de funcionários das classes médias em detrimento do operariado fabril tradicional. Para ela a dificuldade em compreender e definir os setores pertencentes às classes médias é um fator determinante para o esquecimento. Nesse sentido, ela traz uma pesquisa sobre os funcionários do comércio carioca na virada do XIX para o XX.

Ao analisar a questão especificamente da entidade “representante” dos empregados do comércio carioca aparece novamente a busca pelo “trabalhador ideal”.

¹² Idem.

Para a autora os empregados do comércio eram um dos maiores segmentos de classe média na sociedade brasileira. Razão pelo qual foram sistematicamente inferiorizados e excluídos de análises mais profundas por não se auto identificarem com o operariado, sobretudo, o fabril.

As estratégias de resistência e luta desses trabalhadores foram se adequando ao contexto político e social em que estavam inseridos. Essas estratégias foram repletas de características de difícil definição, nas quais não poderiam ser encaixadas em uma análise que tenha como paradigma metodológico um “modelo ideal” de trabalhador.

Por isso, ela chama a atenção logo nas páginas introdutórias:

"O período compreendido entre 1850 e 1911 foi, portanto, determinante na formação de uma identidade de classe dos trabalhadores no comércio. Suas estratégias de resistência e luta tomaram forma de acordo com o contexto e estiveram sempre carregadas de ambiguidades que uma análise que tivesse como pressuposto o “modelo ideal” de classe operária não poderia comportar. Afinal, os modelos é que deveriam se adaptar à história, não o contrário."

Nesse trecho, ela tem como referência o pensamento de Thompson em *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Onde coloca o seguinte, "Se não há lugar no modelo para ela (a história real), é o modelo que deve ser abandonado, ou refinado"¹³

Popinigis foca seu estudo na experiência do “empregado do comércio” carioca. Todavia, sua análise pode ser estendida aos mais variados setores das “classes médias”, como por exemplo, os bancários, que são citados como umas das principais e mais expressivas categorias profissionais dos setores intermediários.

Um dos objetivos de Popinigis é compreender os motivos que levaram as “classes médias” a se identificarem com discursos autoritários. Como por exemplo as alemães e italianas resultando no nazi-fascismo. Ao mesmo tempo em que as “*classes médias*” estadunidenses, por exemplo, estavam mais alinhadas com idéias liberais.

Na tentativa de explicar os motivos que levaram a historiografia a relegar os funcionários de classe média ao esquecimento Popinigis elenca uma série de questões

¹³ THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, 3ª ed. Revista Ampliada. Org. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas. IFCH- Unicamp. 1998. p. 31.

dentre elas estão as de cunho epistemológico, acadêmico e as ligadas a identidade desses funcionários na virada do século XIX para o XX. Para a autora, como dito anteriormente, os funcionários do comércio buscavam se diferenciar dos operários fabris. As diferenças marcantes apareciam no modo de se vestir, nos ciclos de relações sociais e no trabalho, de fato, desempenhado por essas pessoas.

A autora chama a atenção para a grande quantidade de dinheiro destinados pelos funcionários do comércio para a compra de roupas que os diferenciavam dos operários fabris.

Dentre essas diferenças no vestuário estava o *collar*, ou colarinho, que deveria ser branco. Enquanto para os operários fabris o azul.

A forma como recebiam os salários também são diferentes, os operários ganhavam por serviço ou diária. Já os empregados o salário é mensal ou anual.

Além disso, os patrões tendiam a estimular a rivalidade impedindo a criação de laços de solidariedade. O patronato tendia a conceder privilégios aos empregados em detrimentos dos operários, muito por conta da grande proximidade cultivada entre patrões e funcionários de colarinho branco.

Portanto, a falta de engajamento político tido como “ideal” ou “necessário” e as diferenças marcantes em relação ao operariado fabril tradicional fez a historiografia os colocar como “arrivistas” e “ambiciosos”.

A imagem de “arrivistas” está ligado ao fato de o objetivo maior para um funcionário do comércio ou escritório é substituir o patrão e se tornar proprietário do estabelecimento comercial em que prestou serviço, quase, pela vida inteira.

Para Popinigis as classes médias se valeram de métodos de lutas chamados de “reformistas” ou “legalistas”, mais adequados para os impasses vividos por essas pessoas nas relações de trabalho.

Portanto, a recusa em participar e adotar modelos organizativos de luta anarquistas e socialistas não deve ser interpretado como "apatia", "sujeição" ou "passividade", mas como resultados de escolhas insuficientes para qualificar os movimentos como “pré-políticos”. Nesse sentido, uma análise que tenha como pressuposto um “modelo ideal” de classe trabalhadora não é suficiente para compreender as ambiguidades dos movimentos de classe média.

Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva, usando como referência, mais uma vez, E.P Thompson, coloca:

"Thompson desconsiderou a existência de valorações para os 'níveis' de consciência de uma classe e rejeitou a noção de 'falsa consciência', que admitiria um tipo de consciência certo e outro errado. Mais do que teórica, essa é uma opção política, pois busca entender os sujeitos históricos analisando suas escolhas a partir de possibilidades concretas de ação, que são sempre historicamente determinadas."¹⁴

No trecho acima, percebemos que Thompson comenta duas questões importantes para o ofício do historiador no geral. Primeiramente, ele coloca a necessidade dos historiadores não atribuírem "valoração", ou em outras palavras, não fazer juízo de valor a respeito de um determinado processo histórico. Em segundo lugar, coloca a necessidade do apego as "possibilidades concretas", ou seja, deixar de lado nossos conceitos pré concebidos e anseios que não estejam provados mediante análise empírica. Obviamente, os autores acima estão se referindo aos estudos que buscam compreender as dinâmicas envolvendo a classe trabalhadora. Todavia, são sugestões teórico-metodológicas que podem servir para compreender melhor também a ação associativa de assalariados de colarinho branco.

Outro importante trabalho que busca compreender a emergência das sociedades mutualistas nos processos organizativos dos trabalhadores, no âmbito do fenômeno migratório, principalmente de italianos na cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o XX, é *Classe e Nação: Trabalhadores e Socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)* de Luigi Biondi (2011).

Nesse texto, um dos principais objetivos é mostrar o quanto a identidade "italiana" foi construída em terras brasileiras, pois para os imigrantes que vinham para o Brasil, formado majoritariamente por trabalhadores rurais, não havia uma consciência de unidade italiana. Esse trabalhadores se identificavam conforme suas origens regionais dentro do "reino italiano", por exemplo, lombardos, calabreses ou sicilianos.

Essas identidades regionais trazidas pelos imigrantes italianos foram fundamentais para a consolidação das primeiras mutuais. Pois, esses trabalhadores procuravam se organizar entre seus pares vindos das mesmas regiões. Todavia, Biondi coloca o precoce desaparecimento das associações com esse perfil regional, sendo

¹⁴ THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos, 3ª ed. Revista Ampliada. Org. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas. IFCH- Unicamp. 1998. p. 31.

substituídas por associações nacionais italianas, muitas próximas dos principais pólos industriais.

As associações de ajuda mútua que eram formadas em sua maioria por imigrantes italianos reproduziam o perfil social já destacado em outros momentos. Biondi caracteriza esses sócios de sociedades mutualistas, em sua grande maioria, como artesãos e operários especializados. Viscardi (2014) também reitera essa importante característica social, colocando os trabalhadores organizados em mutuais como mais próximos dos valores burgueses e dos setores médios da sociedade.

Pensando no caso específico dos funcionários dos bancos, uma importante autora produziu uma obra de referência para compreender os mais importantes momentos de luta sindical dos bancários.

Sua pesquisa abarca o período de associativismo mutualista que foi responsável por inaugurar o movimento organizativo¹⁵ dos funcionários dos bancos ainda na década de 1920. Letícia Bicalho Canêdo (1978) em *Bancários: aspirações de carreira, organização sindical e participação política*, coloca:

"(...)explicam a forma de exposição adotada neste trabalho, no qual os fatos foram colocados em ordem cronológica, pois o objetivo inicial era recuperar, com pormenores, a para servir de fonte informação ao sindicato"¹⁶

Neste trabalho, aparece a preocupação teorico-metodológica para lidar com setores da sociedade identificados com as “Classes Médias”, mais especificamente os “funcionários de escritório”.

Canêdo, identifica dois fatores fundamentais para diferenciar os movimentos organizativos dos operários e dos trabalhadores de escritório. A primeira, é levar em conta as “diferentes situações de trabalho, aspirações e posições sociais, obviamente, muito diversas da dos operários”. A segunda questão, está relacionada com o alto grau de politização e identificação da categoria através de demandas reivindicatórias sociais e profissionais, longe da zona de influência dos principais partidos políticos do período, como por exemplo, PTB, UDN e PCB.

¹⁵ O termo utilizado pela autora para se referir ao primeiro momento da entidade bancária é *Movimento Sindical*. Todavia, prefiro usar o termo *Movimento Associativo* para diferenciar com maior clareza o período mutualista da entidade de classista.

¹⁶ CANÊDO, Letícia. **Bancários: aspirações de carreira, organização sindical e participação política**, 1978, São Paulo, p 23.

A falta de trabalhos que busquem compreender os movimentos associativos das “Classes Médias” chama a atenção da autora, que elenca uma série de questões para tentar explicar essa ausência. O próprio uso do plural já indica um aspecto importante, pois segundo ela:

"O uso do plural ao se referir às classes médias, por si, já explica a dificuldade da questão. O termo no plural indica múltiplos grupos em situação hierárquica intermediária, dentro de uma estrutura social polarizada. Mas que grupos hierárquicos e quais os critérios para considerá-los intermediários ? Os trabalhadores assalariados de nível elevado de qualificação, empregados nos serviços, no setor privado e na burocracia pública ? Tradicionais empregados do comércio, banco, etc ? Os pequenos proprietários urbanos ? Os profissionais liberais ? Os trabalhadores autônomos ? Os empregados no setor de imprensa, diversões e educação ?"

No trecho acima, o objetivo de Canêdo é mostrar o quanto as diferenças nas relações profissionais e sociais das “Classes Médias”, não permitiam nenhum tipo de interação e identificação entre as diferentes categorias profissionais existentes no momento. Revelando o quanto as classes médias são extremamente heterogêneas e multifacetadas. Por conta disso, são muito difíceis de ser categorizadas, pois não obedecem os padrões de análises tradicionais feitas com movimentos operários convencionais.¹⁷

Essa dificuldade em categorizar e compreender a grande heterogeneidade dos profissionais de classe média que não tinham respaldo nas influentes leituras marxistas, acabaram por renegá-los ao esquecimento, por considerá-los reacionários e extremamente alinhados com perspectivas e interesses das classes dominantes, o que levaria a negação da possibilidade de uma atuação política efetiva.

Para a autora, ao tentarem encaixar os “empregados de escritório” e as “classes médias” nos modelos explicativos consagrados para lidar com os operários tradicionais, os estudos só tiveram a capacidade de discutir as "ambiguidades"¹⁸ inerentes a esses setores, todavia não conseguiram explicar como esses grupos viviam sua própria situação.

¹⁷ CANÊDO, Letícia. **Bancários: aspirações de carreira, organização sindical e participação política**, 1978, São Paulo, p 30.

¹⁸ O termo utilizado por ela, *ambiguidade*, está no sentido de formulação de críticas que levassem em conta às características e particulares das práticas políticas efetivas dos trabalhadores de escritório.

Por isso, ela advoga, a necessidade de produzir pesquisas que tenham uma “penetração mais direta no tema histórico”. Mostrando a diversidade existente nas origens e tradições dos movimentos associativos¹⁹ das classes médias e suas práticas políticas. Sempre lembrando que esses trabalhadores não interferiam nas escolhas políticas e decisões estratégicas na economia das empresas em que eram empregados.

Pensando, agora, nas perspectivas metodológicas atuais para lidar com associações de ajuda mútua, Cláudio M. Batalha (2009) em *Relançado o debate sobre o mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente*. Elenca duas perspectivas dominantes, atualmente, que contemplam os estudos a respeito das mutuais: o primeiro, privilegia a dimensão propriamente mutualista/previdenciária dessas entidades, por outro lado, a segunda concepção, aborda os aspectos que transcendem o mutualismo, dando maior atenção as práticas e intencionalidades presentes nas associações.

Para melhor compreender essas concepções a respeito das mutuais é importante destacar a chamada, *Teoria da Escolha Racional*²⁰. Essa teoria entende que a adesão de um trabalhador a uma associação mutualista é fruto de análise que avaliará as vantagens e os ônus dessa participação. A teoria está diretamente ligada à primeira concepção de análise apresentada por Claudio M. Batalha, que busca compreender as questões exclusivamente ligada aos benefícios mutualistas/previdenciários.

Todavia, para Batalha, usando como referência Edward Thompson, o problema dessa teoria é não compreender a diversidade de racionalidades presentes nas escolhas e práticas reais vivenciadas por esses trabalhadores, nas quais muitas vezes não podem ser reduzidas somente a uma racionalidade de cunho econômico e contábil mas uma “Economia moral da multidão”. São exemplos de escolhas que provém de uma racionalidade de identidade e aceitação em comunidade na qual o indivíduo está inserido. Resultantes de valores morais, éticos, força de costumes, crenças e hábitos, inerentes às experiências práticas, mas que não obedecem somente a uma lógica contábil.

Para o presente trabalho, o segundo enfoque, está mais de acordo com as questões que pretendo discutir. Pois, não tenho somente o objetivo de analisar as

¹⁹ Como foi dito anteriormente a autora não usa o termo *movimento associativo*, mas sim, *movimento sindical*. Entretanto, para adequar ao padrão escolhido para esse trabalho, ficamos com a primeira opção.

²⁰ Munck, Ronaldo. **Mutual Benefit**...op.cit., p.588.

sociedade de ajuda mútua somente em seu caráter mutualista. Quero discutir essa entidade em sua totalidade, identificando a presença do *Caráter Híbrido* nessas associações.

Batalha, em seu artigo de 2009, coloca o *Caráter Híbrido* das mutuais como uma lacuna pouco explorada, que deveria ser melhor contemplada pelas futuras pesquisas. Pois, busca identificar as ações de caráter sindical, como por exemplo, no caso dos bancários, a reivindicação de duas horas de almoço ou melhores condições de trabalho e ,até mesmo, a busca por construir laços identitários entres esses funcionários. Outro caráter presente é o educativo, oferecendo ações e serviços que busque complementar a formação dos funcionários bancários, como por exemplo, cursos noturnos de contabilidade ou formação de uma biblioteca específica para o área. Além disso, temos de fato, o caráter previdência/mutualista no qual prevê salvaguardar os funcionários associados de uma situação de vulnerabilidade social, causada por doenças, morte de familiares etc.

Cláudia Viscardi, em seu artigo de 2012, já citado aqui, busca identificar esse caráter híbrido nas mutuais em que analisa. É destacado os aspectos educativos, as questões diretamente relacionadas ao mundo do trabalho e as construções de identidades morais e éticas, incentivadas através de múltiplos instrumentos, como por exemplos, festividades e tradições. Criando laços de filantropia e fraternalismo entre os associados.

Nesse sentido, a pesquisa de Cláudia Viscardi serve como referência para a análise do movimento associativo mutualista dos funcionários dos bancos do estado de São Paulo. Entretanto, buscarei dar ênfase para uma outra questão que ao analisar as fontes me chamou a atenção. A importância do esporte, mais especificamente o futebol, como um importante instrumento de mobilização dos funcionários bancários, ajudando a incentivar ou excluir determinados valores comportamentais, éticos e morais das relações sociais e de trabalho dos bancários.

Com o objetivo de melhor compreender o papel da imprensa como um agente capaz de construir a identidade do "footballers" brasileiro e transpor para todo um povo e nação o trabalho de Fábio Franzini em *As raízes do País do Futebol: Estudos sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 - 1950)* é de grande importância. Pois, para o presente trabalho as principais fontes exploradas são as publicações do periódico *Vida Bancária* da A.F.B.E.S.P e a partir delas procurar

compreender como o futebol ajudou a construir a identidade dos funcionários dos bancos durante a década de 1920.

Para Franzini no momento em que o futebol vem ganhando áreas de um esporte popular, não mais restrito aos círculos de imigrantes ingleses e pessoas pertencentes as elites urbanas o Brasil passava por um intenso processo de ruptura e transformação de suas estruturas sociais e econômicas com a recém proclamação da república aliada a abolição da escravidão que estão diretamente ligada ao avanço da expansão capitalista decorrente da "Revolução Científico-Tecnológica, ou Segunda Revolução Industrial"²¹.

Cientes desse intenso processo de transformação da sociedade brasileira, os cronistas esportivos procuravam transpor a grande integração promovida pelo futebol, restrita somente ao eixo Rio de Janeiro e São Paulo, como algo capaz de abarcar toda a "nação brasileira".

Desse modo, a grande explosão popular vivida pelo futebol no momento estudado por Franzini estava inserido em um projeto político, ideológico e intelectual mais amplo acerca da questão nacional e com a ajuda dos principais jornais, conscientes das potencialidades do futebol junto as camadas populares procuraram explorar o esporte como um elemento da identidade brasileira.

Pensando nas questões importantes para lidar com a prática esportiva nos meios dos trabalhadores, usarei como referência a já consagrada tese de Fatima Antunes (1992), *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Sobretudo para ter uma melhor compreensão das estratégias e relações estabelecidas entre funcionários e patrões na promoção da prática do futebol. Além do conflito entre anarquistas e comunistas na indefinição em torno do incentivo a formação de clubes e times de futebol dos trabalhadores.

Nesse mesmo sentido, o trabalho de Uassyr de Siqueira (2007), *Entre Maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a primeira república*. Traz, também, o debate em torno da relação dos anarquistas com o futebol nos meios operários. O autor, busca mostrar a mudança do chamado "puritanismo ideológico anarquista" que condena os operários praticarem o futebol ao invés de organizarem-se para enfrentar e resistir aos interesses do patronato burguês.

²¹ FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Outro trabalho é *Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação* de Miguel Enrique Stédile (2013), onde busco entender a relação existente entre o futebol e a ajuda na criação de laços de solidariedade e identidade. Compreendendo as estratégia de subordinação e disciplinamento proposto pelas companhias fabris aos operários.

Desse modo, tendo esses autores como referência e as documentações disponíveis vou procurar compreender a importância do futebol para o diretoria da associação e como isso se manifestava, principalmente, no periódico da associação, o jornal, *Vida Bancária*.

CAPÍTULO 2- A Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo e sua cultura associativa mutualista.

O que hoje conhecemos como Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região surgiu em 1923 como uma Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo (A.F.B.E.S.P). Todavia, estabelecer essa relação entre o atual sindicato e a antiga associação não tem como objetivo contribuir para uma visão teleológica e evolutiva da história, sem perceber seus dinâmicos processos de rupturas e continuidades presentes nessa entidade ao longo do tempo.

A Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo foi criada inicialmente com o objetivo de promover uma rede de associativismo mutualista. Objetivo bastante diferente do atual e combativo Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região.

O periódico da associação chamado *Vida Bancária* em sua primeira edição, destaca qual seria o modo de associativismo proposto pela A.F.B.E.S.P:

"Tendo sido fundada para despertar e cimentar a sua solidariedade proporcionando-lhe oportunidades de melhoria, de seu regosijo physico e moral, offerecendo assistencia medica, pharmaceutica, hospitalar, peculios, favorecendo a aquisição de artigos de que carecem os socios e suas familias, enfim, o maior numero de vantagens possivel dentro de seus estatudos e finanças"²²

Percebemos nesse trecho de *Vida bancaria* que a associação não estava alinhada com perspectivas que buscassem mobilizar as pessoas à rebeliões sociais que questionam o *Status Quo* da sociedade em que estavam inseridos. Situação muito diferente de outras entidades associativas alinhadas com ideologias anarquistas e comunistas, nas quais procuravam contribuir para a consolidação de uma consciência de classe mais politizada, dentro de uma perspectiva à esquerda, capaz de questionar e subverter as relações sociais e econômicos vigentes.

Dentre as preocupações iniciais da A.F.B.E.S.P está a questão da proteção econômica e social aos funcionários dos bancos e a busca por reforçar laços identitários

²² Retirado de *Vida Bancária*, nº1, Outubro de 1924.

e de solidariedade. Grande parte desse esforço em criar uma associação própria dos bancários está no fato de que nesse momento e até 1939 era possível que um bancário fosse filiado ao *Sindicato dos Comerciários*. Nesse sentido, criar uma entidade exclusiva e identificada com os funcionários dos bancos ajudaria a compor e construir maiores laços de sociabilidades entre a "classe bancária"²³.

No trecho a seguir, retirado de uma entrevista feita em abril de 1932 e publicada na edição de número 89 de *Vida Bancária* com um dos fundadores da associação percebemos o interesse em oferecer proteção financeira aos bancários,

"depois de ouvir inúmeros colegas, a maioria num aperto formidável, presos aos agiotas que perambulavam pelos guichês dos Bancos à caça dos otários"²⁴

Esse trecho deixa claro o quanto os funcionários dos bancos estavam desamparados, sem qualquer tipo de entidade que pudesse fornecer alguma orientação de acordo com a realidade vivida por essas pessoas em seu cotidiano.

A A.F.B.E.S.P não tinha em seus planos promover estratégias de resistência frente ao patronato banqueiro. Muito pelo contrário, gostariam de angariar a confiança dos setores superiores das instituições financeiras. O que explica o fato das primeiras diretorias serem compostas de diretores dos bancos ou funcionários dos mais altos escalões como *contadores e gerentes*.

Durante a década de 1920, era considerado funcionário bancário o empregado que trabalhava da administração (gerente, subgerente, contador, procurador etc) ou escrituração (escriturário, caixa, correntista etc). Por outro lado, os empregados do quadro de portaria (serventes, contínuos, expedição), considerados subalternos, não pertenciam ao quadro de funcionários bancários. Vários bancos, como o Comercial, possuíam dois clubes: o dos funcionários e o "outro".²⁵

Além de oferecer os principais cargos da associação a pessoas de confiança dos banqueiros, o primeiro estatuto da entidade bancária deixa claro os valores que seriam

²³ Pensando no contexto de produção das fontes, a idéia de " Classe Bancária" está relacionada ao entendimento contemporâneo do que chamamos de "Categoria profissional".

²⁴ Entrevista feita com o principal idealizador da Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo, Silva Pinto.

²⁵ Informação retirada de entrevistas feitas por Leticia Canêdo com antigos funcionários. Disponível em: Canêdo, Leticia. O sindicalismo Bancário em São Paulo, 1978, p.30.

incentivados entre os demais funcionários dos bancos, “União e cordialidade entre os funcionários de bancos e casas bancárias, esforçando-se para manter a disciplina e boa moral entre todos”²⁶

Essa foi a maneira encontrada pela associação para sobreviver diante da pressão exercida pela legislação do período, bastante restrita e limitadora para a organização de entidades classistas. Nesse sentido, um artigo publicado no jornal *Vida Bancária* em 1925 pede o abandono dos caminhos revolucionários, “pois os dirigentes cuidam com carinho e assistem os trabalhadores quando suas organizações são firmes e disciplinadas”.²⁷

Em um artigo publicado na revista chamada *Moeda e Crédito*, na qual era financiada pelas principais instituições financeiras do período, comentam com tranquilidade a respeito da A.F.B.E.S.P:

“ Há em São Paulo um Associação dos empregados em Bancos, sobre a qual temos ouvido uma Associação dos empregados em Bancos, sobre a qual temos ouvido boas referências, em cujo programa não, incluíram a hipótese de manifestações coletivas no sentido de impor às gerências dos Bancos...Nem podia ser outra a conduta dos moços paulistas, que compreendem estar num nível social superior aos dos operários das fábricas, já pela sua educação, já pela instrução que receberam, já pelo ambiente que foram criados ”²⁸

Com o trecho acima, podemos observar que uma parcela considerável do patronato banqueiro não via a associação bancária como um potencial perigo. Principalmente os bancos estrangeiros que já conheciam experiências parecidas em outros países, principalmente os europeus.

No caso da Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo isso se refletiu com a participação de vários diretores de bancos estrangeiros no *Conselho Consultivo* da entidade, no qual seria responsável pela elaboração do primeiro

²⁶ Retirado do primeiro estatuto da associação de 1923.

²⁷ Retirado de Canêdo, São Paulo, 1973.

²⁸ Idem, p. 49.

estatuto da associação. Dentre alguns nomes temos: Mr. Hart, Mr. White, Comendador Frontini, Mr. Henri Ford e Mr. Ravache.²⁹

Além da participação no primeiro *Conselho Consultivo* outros cargos de destaque eram oferecidos a diretores e funcionários que ocupavam altas atribuições dentro das instituições financeiras. Esse foi uma estratégia utilizada para minimizar a desconfiança dos banqueiros e todo a elite dirigente do suposto perigo que uma associação classista pudesse representar.

Pensando ainda na diferença entre a atuação dos bancos estrangeiros e os nacionais, na quarta edição de *Vida Bancária*, encontrei um texto falando da experiência do *The National City Bank of New York* em valorizar seus funcionários. Importante destacar que essa foi a única referência encontrada no periódico parabenizando uma instituição financeira de forma tão veemente ao tratar da questão financeira dos funcionários. Com o título de *Exemplo Edificante*, explica uma importante decisão tomada pelo banco que ajuda a tornar mais lucrativas algumas "ações" destinadas aos funcionários do banco.

“O The National City Bank of New York elevando o seu capital a \$50.000.000,00, favorece consideravelmente os seus auxiliares tornando-os subscritores de novas ações e facultando-lhes grandes reduções sobre os preços das mesmas”³⁰

Silva Pinto, o principal idealizador da Associação dos Funcionários Bancários, comenta em entrevista concedida no ano de 1947 para o periódico da associação *Folha Bancária*³¹ as dificuldades encontradas para criar uma entidade de classe nesse momento.

Podemos observar no trecho abaixo que havia consciência entre uma parcela dos associados da situação de exploração e do conflito entre capital e trabalho dentro do ofício bancário. Todavia, esse debate não poderia ganhar força dentro da associação mutualista que visavam constituir, pois poderia levar a perseguição de qualquer iniciativa mínima que visasse melhorar as condições de trabalho e vida dos funcionários bancários.

²⁹ Idem

³⁰ Retirado de *Vida Bancária*, nº 4, janeiro de 1924.

³¹ Em 1939 o jornal da associação chamada *Vida Bancária* troca de nome para *Folha Bancária*.

“Hoje é muito difícil imaginar como era a situação na época em que fundamos a Associação dos Bancários. Eu só posso dizer uma coisa: a cambada dos banqueiros era a mesma coisa que os fazendeiros escravocratas. Bancário era tratado como escravo...Em greve, nem se pensava, pois ela significava o olho da rua”

Na fala de Silva Pinto, o principal idealizador da associação bancária, fica claro as dificuldades enfrentadas nesse momento pelos funcionários para conseguir formar uma entidade de classe que pudesse prestar algum tipo de assistência aos trabalhadores. Além dos limites legais com uma legislação bastante restritiva, havia também o aspecto cultural das relações de trabalho brasileira que impediam qualquer tipo de iniciativa associativa.

Outro texto que mostra a presença de um discurso mais politizado e consciente da situação de exploração da “classe bancária” pelas grandes instituições financeiras é *A classe dos bancários* na edição 14 de novembro de 1925:

“...o serviço extenuante e cheio de responsabilidades, as irregularidades do horário e o trabalho extraordinário, que lhe tornam a vida igual á do forçado: depois o salário mesquinho e insuficiente dado secretamente, como a esmola do mendigo. Na sua decepção o infeliz pergunta a si mesmo, se valia a pena tanto sacrifício para alcançar tão pouco.”

Com receio que esse tipo de posicionamento, acima, ganhasse mais força dentro da associação. Temos ,a baixo, a resposta de José Maria Whitaker ,diretor do Banco Commercial de São Paulo, ao ser questionado se gostaria de receber o cargo de presidente da Associação dos Funcionários Bancários do Estado de São Paulo.

“ Sinto-me desvanecido com este convite, porém não posso anuir porque julgo que a congregação da classe, de qualquer modo, constitui perigo. Hoje, vocês, a título de uma sociedade beneficente, congregam-se, mas amanhã reformam os estatutos e constituem uma sociedade de defesa de classe. Daí o perigo. Considero, assim, que o empregado de banco é como soldado: não pode ter sociedade”³²

Para Letícia Canêdo o receio que os banqueiros, principalmente os brasileiros, teriam com o movimento associativo está ligado ao fato da ruptura que causaria nas

³² Retirado de Folha Bancária, nº 92, novembro de 1964.

relações paternalistas existentes entre banqueiros e bancários até então. Pois, em entrevista feita por Canêdo com Osório de Oliveira Campos Filho, antigo funcionários do Banco Comercial de São Paulo, José Maria Whitaker era considerado “um deus para os bancários” pelo fato de custear a primeira Caixa de Assistência e dois clubes exclusivos para os funcionários. Além disso, costumava dizer que “O banco é uma grande família da qual eu me orgulho de ser o pai”.

Pensando nisso e tentando evitar esse tipo de desconfiança e descrédito do patronato banqueiro, esse funcionários compostos das classes mais abastadas da sociedade brasileira e buscando ser aceitos e interagir com a elite dirigente, oferecem os cargos mais importantes da associação com poder de deliberação e estabelecer os regimentos internos, aos diretores dos bancos.

A Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo não tinha o interesse em oferecer somente vantagens previdenciária/mutualistas para seus associados. A associação gostaria de se fazer presente nas discussões culturais e identitárias da “classe bancária”. Pois, como foi dito anteriormente os bancários, até então, não possuíam uma entidade exclusiva que atendesse as demandas e especificidades de sua categoria. Para isso teriam de convencer os bancários da necessidade de se filiarem e participarem das atividades propostas pela associação.

Logo na segunda edição de *Vida Bancária*, em artigo publicado com o nome “*Indolência e Servilismo*” ataca os funcionários de bancos que não valorizam o trabalho da associação e desencorajam outros funcionários a participar:

“...não faltam colegas, que acolhados entre os seus companheiros, com um cynismo revoltante condemnam a nossa causa!

Coitados! Não compreendem que desviados da nobreza, entregam-se no vexame do Servilismo.

Todo homem que se preza, deve ser independente altruístico e fiel cumpridor de seus deveres, para com a coletividade necessitada”³³

Do mesmo modo, o periódico destaca quais seriam os “*três deveres*” do empregado bancário:

³³ Retirado de *Vida Bancária*, nº 2, novembro de 1924.

“O primeiro é para com o patrão. É o dever de fazer o seu serviço da melhor forma possível. O segundo é para com si mesmo. É o dever de procurar, por meios, subir melhorar a sua condição. O terceiro é para com os outros os colegas, os companheiros. É o dever da solidariedade”³⁴

Na coluna acima percebemos os valores incentivados pelo movimento associativo bancário. A valorização do “trabalho” é relacionado diretamente com a figura do “Patrão” no qual deve ser respeitado. Já o compromisso com “si mesmo” passa do mesmo modo pela idéia de valorização do “trabalho” e termina destacando a importância da “solidariedade” entre os funcionários bancários através da A.F.B.E.S.P.

Por fim, com ajuda dos trechos aqui destacados do periódico *Vida Bancária*, principal “porta voz” da entidade com o restante da “classe bancária”, percebemos que não podemos colocar o atual Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região como uma simples continuidade da A.F.B.E.S.P sem estabelecer e identificar as relações e processos históricos inerentes a entidade, no qual encontramos transformações, mudanças e continuidades ao longo do tempo.

2.1 - Suas principais reivindicações sindicais

Assim como já foi destacado anteriormente, Claudio Batalha chama a atenção para a *caráter híbrido* das associações de ajuda mútua. Congregando atividades e objetivos que perpassam as áreas previdenciária/mutualista, educativas e sindicalistas/reivindicativas.

Nesse momento, vou me ater a área sindical/reivindicativa da Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo. Destacando as principais reivindicações e debates que permeiam o mundo do trabalho dos bancários.

Dentre as principais discussões que pude identificar no recorte proposto de 1924 a 1930 através do periódico *Vida Bancária*, foram as questões do aumento do horário livre para o almoço e as discussões ligadas a aposentadoria dos funcionários bancários.

Devido o recorte temporal pesquisado não será possível conhecer o desfecho das discussões referente ao horário de almoço e aposentadoria dos bancários. Todavia, para o presente trabalho não é algo prejudicial, pois o objetivo é compreender quais são os

³⁴ Retirado de *Vida Bancária*, nº 5-6, fevereiro e março de 1925.

métodos, discursos e intencionalidades presentes nas ações da A.F.B.E.S.P e como isso repercute nas pautas reivindicatórias da entidade bancária.

Outras discussões, também, aparecem em *Vida Bancária* revelando o posicionamento da associação. As questões a respeito da lei de fechamento de comércios e bancos, a lei referente as férias dos funcionários, ou a legislação referente aos acidentes de trabalho. Temos também textos cobrando das instituições financeiras maiores auxílios e incentivos para a associação bancária.

Importante destacar o sempre presente teor reformista e legalista adotado pela A.F.B.E.S.P, onde o embate direto com os patrões não é incentivado, mas sim o diálogo e o esforço para conscientizar as instituições financeiras da importância de suas reivindicações.

A principal reivindicação identificada no periódico foi a questão do “*Horário de Almoço*”. Na edição de número 14, o associado chamado Fidelis Fortes reintroduz essa discussão questionando qual será o papel da A.F.B.E.S.P na condução dessa demanda diante das instituições financeiras. Pois, para Fidelis são “meia duzia de estabelecimentos de crédito que não quiseram, não querem, e não quiseram aderir com os demais...” .

Em outro momento do mesmo texto Fidelis mostra que essa discussão já ganhou espaço até mesmo na Câmara Municipal, mas sem surtir muitos efeitos práticos nas relações de trabalho dos bancários, pois não foi criada nenhuma lei somente um acordo informal feito entre alguns bancos e seus funcionários. Por isso, ele lança alguns questionamentos sobre qual o papel a associação deveria exercer nesse caso, todavia não coloca respostas. O associado deseja somente recolocar a questão em debate.

“ E se assim não acontecer...que culpa tem a nossa associação que não se realiza nosso sonho ? Que pode ella fazer contra a vontade cezariana de meia duzia de estabelecimentos de crédito que não quiseram, não querem, e não quiseram aderir com os demais nosso justo pedido”

Assim como o esperado, outro associado, Carlos Raymundo deseja que essa reivindicação volte a ser discutida na associação bancária. Eles mesmo coloca a necessidade de

“arregimentar outras pessoas, outros companheiros na mesma campanha, que, sendo justa, merecendo a consideração e inteiro acato das pessoas a ella directamente ligada, vale ser posta de novo em campo.

Interessante notar que para Carlos o aumento de uma hora e meia de almoço para duas horas é uma questão de saúde. Segundo Carlos:

“ A maioria dos funcionários de bancos, reside em bairros distantes do centro. Tem, portanto, suas casas, bem distanciadas dos escritórios em que trabalha. Um grave problema desde logo se antepara a qualquer desses desses funcionários: ou se dispõe a almoçar nos restaurantes da cidade, com risco para seu estômago e maiores encargos para a bolsa, ou tem grande parte de seu tempo perdido com o trajecto ao lar ou a pensão, muito embora o faça de bonde.”³⁵

Nesse trecho e mais adiante, o bancário fala de duas questões importantes. A primeira é a distância percorrida pelos funcionários para almoçarem em casa o que impossibilita o “descanço, por pequeno que seja” após a refeição, além dos “ empregados que desejam fazer com mais calma suas refeições”. A segunda queixa é referente ao dinheiro gasto comendo em restaurantes no centro. Desse modo, podemos entender o motivo pelo qual os funcionários dos bancos faziam questão de voltar para suas casas. Seja para não pesar no orçamento e também poder descansar no conforto de suas casa.

Na edição de número 24 o associado Menaldo da Silva Rodrigues entra na discussão das duas horas de almoço. Para Menaldo a “colaboração pedida, não se refere a literatura, e sim de acção”. Por isso ele propõe a criação de uma “ comissão para tal designada, obtenha dos Bancos a adopção geral do horário de duas horas para almoço”. Para organizar essa comissão é necessário uma,

“acção conjuncta, promovamos dentro dos Estatutos uma assembleia geral extraordinária, na qual fiquem assentados os planos da campanha e designados os que desejam dispostos a lutar na vanguarda.”

³⁵ Retirado de Vida Bancária, nº 22, Julho de 1926.

Continuando a discussão do aumento do horário de almoço dos bancários e comerciários, *Vida Bancária* trás a participação do jornal *Estado de São Paulo* nesse assunto. A coluna do *Estado de São Paulo* procura explicar os motivos que levaram os funcionários a reivindicarem esse novo horário e ,também, coloca uma sugestão de como esse impasse poderia ser resolvido. Para isso o jornal comenta o atual horário de funcionamento dos bancos e qual seria uma possibilidade de mudança:

“Pelo regime antigo, os bancos não se fechavam á hora do almoço, ficando abertos até depois das 15 horas. Fez se depois a modificação de que resultou o horário actual chamado pelos empregados de horário do ‘abre e fecha’, abrindo-se os bancos as 10 horas e fechando-se as 11 e meia, para se reabrirem às 13 horas e se fecharem as 15 horas e trinta. Verificou-se que esse horário tinha inconvenientes: primeiro, os bancos, praticamente, não prestam serviços das 10 as 11 e meia, mas somente até as 11 e 20, pois a essa hora se fecham as caixas; depois, os empregados têm de ir almoçar as suas casas, em bairros distantes, para o que se lhes concede um prazo exíguo de hora e meia.”

Mais adiante é colocado a sugestão de horário novo pelo *Estado de São Paulo*:

“ Entendem eles que estes estabelecimentos poderiam se abrir às 11 horas e permanecer abertos até as 15 horas e meia o que permitiria aos empregados que almoçassem antes de iniciar o serviço. Dadas as dificuldades de transporte na cidade, dado, alem disso, o tempo muito reduzido de que dispõem os empregados para ir almoçar em suas residencias, parece que esse horário lhes seria de facto mais vantajoso, evitando os transtornos actuaes e tornando-os mais bem dispostos para o trabalho.”³⁶

Na edição seguinte, número 38, de *Vida Bancária* é transcrito, mais uma vez, outra coluna do *Estado São Paulo* a respeito da questão do horário de almoço bancário. Dessa vez, o *Estado de São Paulo* comenta a repercussão de sua coluna através das cartas enviadas a sua redação por bancários:

“ A julgar por esta correspondência, parece que o horário proposto, de se abrirem os bancos às 11 horas e fecharem-se às 15 horas e trinta, sem

³⁶ Retirado de *Vida Bancária*, nº 37, setembro de 1927.

interrupção para o almoço, não tem a unanimidade da classe, pois, das cinco cartas que recebemos, três são de oposição declarada á volta ao antigo regime”

Mais adiante colocam o desejo dos bancários que participaram da discussão enviando suas cartas:

“ Querem os nossos missivistas, que os bancos lhes dêem para o almoço, em vez de hora e meia, duas horas, tempo que, em verdade, não é demasiado.

Nesse caso, os bancos podiam-se fechar ao meio dia para se abrir ás 14 horas, e conservar-se abertos até ás 16 horas”

Continuando o texto colocam outra sugestão, “Se os bancos pudessem adoptar o systema de almoços por turnos, não precisariam fechar as portas durante o dia, como fazem presentemente”.

Percebemos que essa questão do horário de almoço dos funcionários bancários e comerciários conseguem mobilizar grande parte da sociedade. Entrando na discussão até periódicos de grande circulação e tiragem como o *Estado de São Paulo*.

Em uma coluna chamada “*A questão das duas horas de almoço*” o periódico *Vida Bancária* relata um importante episódio para essa discussão. Informando que a A.F.B.E.S.P se reuniu e apresentou à *Associação dos Bancos de São Paulo* um officio mostrando as “razões que nos induzem a pleitear aquela modificação”. A razão exposta pela associação bancária está no fato da maioria dos bancários residirem em bairros distantes do centro, devido aos altos preços dos aluguéis e que ao procurarem bairros mais distantes devem enfrentar diariamente condições de transporte e logística muito degradantes, dificultando a ida e volta do trabalho.

Mais adiante o periódico destaca a resposta da Associação dos Bancos de São Paulo ao officio apresentado:

“ Temos, portanto, fundadas esperanças de que, desta vez, a nossa classe conseguirá aquella melhoria que tanto bem nos causará sem prejudicar, em nada, ao commercio e aos estabelecimentos bancários. Para isso contamos com a boa vontade dos distinctos banqueiros que, esclarecidos como são, hão

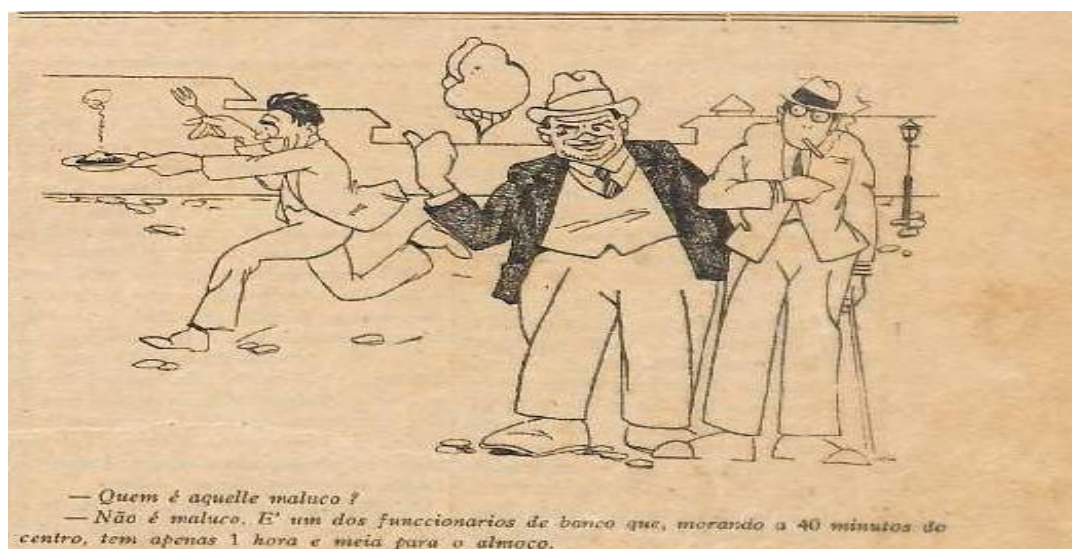
de forçosamente reconhecer, depois dos estudos a que estão precendendo, a absoluta necessidade daquela medida.”³⁷

Portanto, ao que indica a resposta da associação dos banqueiros, a proposta em alterar o horário de funcionamento dos bancos feita pela A.F.B.E.S.P estava sendo analisada.

Interessante notar o teor do ofício enviado pela A.F.B.E.S.P, buscando a todo momento ser compreendida e mostrar a dificuldade do cotidiano dos bancários para os patrões.

Essa estratégia buscando dirimir os conflitos e expor suas reivindicações é muito usada pelas mutuais classistas nesse momento. A busca por um caminho legalista é muito presente na atuação dessas entidades. O objetivo seria cativar e convencer os patrões dos benefícios que ambas as partes teriam com as melhorias almejadas pelos bancários.

Para a A.F.B.E.S.P muito diferentes de outras entidades e associações de classe mais alinhadas com ideologias de esquerda o teor combativo não é incentivado através de discursos de “luta de classe”. Mas sim, um discurso “reformista” e conciliador, algo muito característicos de entidades de classe média como a maioria das associações de ajuda mútua. Pois, como locada Viscard (2014), “ Autonomia, autoajuda, independencia em relação ao estado compunham a essência das organizações mutuais”.



Charge publicada no periódico *Vida Bancária*, setembro de 1928, edição de número 48.

³⁷ Retirado de *Vida Bancária*, nº 41, fevereiro de 1928.

Continuando a discussão, o associado F. Orlando tem uma sugestão para resolver o impasse do horário de almoço bancário. Para ele, seria interessante os bancos contratar o serviço de alguns restaurantes para que seus funcionários almochem. Desse modo, não seria necessário os bancários se deslocarem até suas residências que na maioria dos casos são afastadas da região central.

“...só vemos uma solução para o problema do almoço: é custearem os Bancos o almoço na cidade, para uma parte do seu pessoal, contratando o serviço de vários restaurantes do triangulo e immediações...também evitaria o inconveniente de se precisar interromper, no meio do dia, o expediente da praça, com o fechamento dos Bancos para o almoço. O pessoal almoçaria por turmas e empregaria apenas uma hora para esse fim.”³⁸

Em resposta, na edição seguinte de número 53, o próprio F. Orlando fala de discussões que teve coletivamente com outras colegas e chega a conclusão que a idéia anterior “é uma utopia pura e simples”. Agora, junto com seus colegas chega a conclusão que,

“ Não precisamos de duas para o almoço; não precisamos de frequentar os restaurantes do centro a custa nossa ou dos bancos. Para podermos almoçar em paz, na mesa familiar, sem maiores despesas, correrias e aborrecimentos, basta propomos a Associação dos bancarios que adquira, com os fundos do património social ou a crédito, um certo número de auto omnibus 9 (dois para começar)...”

Essas duas colunas são as últimas contribuições para a discussão do horário de almoço dos bancários no recorte temporal proposto para analisar a Associação dos Funcionários Bancários do Estado de São Paulo. A partir de 1930 a atuação política/sindical muda de teor, pois agora a associação começa a ser cooptada pelas estruturas estatais varguista, o que não interessa compreender para o presente trabalho.

Nesses dois últimos textos fica claro a questão da busca por autonomia. Essa autonomia desejava pelos associados bancários, busca a auto sustentabilidade sem a participação dos bancos ou do estado, essa é uma característica marcante das mutuais

³⁸ Retirado de Vida Bancária, nº 52, Fevereiro de 1929.

desse período e que na discussão sobre o aumento do horário de almoço aparece mais um vez.

Uma outra reivindicação que teve a capacidade de mobilizar a “classe bancária” foi a questão da “*aposentadoria dos bancários*”. Na edição 27 de Dezembro de 1926 o jornal *Vida Bancária* trás uma publicação do jornal o *O Povo* comentando o esforço da A.F.B.E.S.P através de sua advogado e “legislando” (Deputado Federal) Eloy Chavez para regulamentar e regularizar o direito de férias dos bancários pela lei. O periódico destaca o seguinte trecho:

“ Há bancos em S. Paulo que fazem constar, em balanços, somas grandes como empregadas com seus servidores, sem que tal seja verdade... Os empregados bancários, actualmente, não tem garantia alguma por lei e é isso que o sr. Eloy Chaves lhes prometten arranjar.”

Depois de muito tempo, somente na edição de número 64, essa assunto é revivido por *Vida Bancária*. Na coluna intitulada “ *A aposentadoria dos Bancários*” é destacado que grande parte dos associados tem comentado esse assunto e cobrando algum posicionamento da associação. Pois, ao que parece a questão da aposentadoria dos bancários ganhou grande destaque com a atuação do deputado federal Eloy Chavez, mas com o passar do tempo a reivindicação foi perdendo força.

“ Os bancários querem de novo trazelo à luz. Querem que o governo da Republica, a exemplo do que já fez em relação aos ferroviários e a todos os funcionários públicos, lhes conceda, por lei, o direito de se aposentarem com as regalias merecidas por todos aquelles que se dedicaram ao serviço de uma empresa durante todos os annos de vida saudáveis e prestáveis.”

Em outro momento do texto é feito uma crítica a A.F.B.E.S.P. Segundo H. Andrade em seu texto também publicado no *Diário da Noite* em Fevereiro de 1930 é colocado que falta a associação bancária maior empenho nas questões reivindicativas, pois os diretores estão limitados somente a melhorar a oferta de serviços médicos e farmacêuticos.

“ O que tem faltado à Associação dos Funcionários de Bancos é justamente o facto de quererem os seus directores se restringirem apenas á

realização de um programa absolutamente utilitário para a classe, provendo os seus socios simplesmente de ensinamentos intellectuaes, doando-lhes apenas beneficio pharmaceuticos.”

Para H. Andrade uma alternativa interessante é organizar núcleos na associação com o objetivo de eleger deputados afim de publicizar as demandas bancárias e mobilizar os políticos e governantes para que sejam atendidas,

“Para que os funcionários bancários consigam o que justamente desejam, precisam mudar de rumo. Ou por outra. Devem, a bem de seu engrandecimento intellectual, physico e moral proseguir no programma que se traçaram até hoje. Mas que precisam juntar aos departamentos que possuem um novo: de alistamento eleitoral.”

A proposta para criar esse “*Departamento de Alistamento Eleitoral*” servirá para,

“ conseguir elementos eleitorais e fazer conhecida a força de que dispõe, não necessitará mais de nenhuma solicitação. Os próprios políticos que hoje a olham com indiferença virão ao seu encontro, promovendo os beneficios da aposentadoria de todos os seus associados... e legalizal-a em beneficio de tão nobre e numerosa classe “

Vemos no trecho acima a sugestão de um associado para organizar a categoria bancária através da associação com o objetivo de eleger deputados federais, principalmente, para defender os interesses dos bancários no parlamento. Esse tipo de estratégia eleitoral e legalista fazia parte do *modus operandi* da grande maioria dos mutuais. Essas entidades sempre procuravam expor suas reivindicações pela via institucional, muito diferente de outras entidades de esquerda que procuravam mobilizar suas categorias através de demonstrações de força como paralisações, greves ou grandes passeatas, sempre com o objetivo de pressionar o patronato.

Através desses textos e discussões referente ao mundo do trabalho bancário conseguimos perceber as estratégias utilizadas pela associação para mobilizar seus associados.

Ao expor as demandas dos associados cobrando maiores ações da própria associação, os bancários tem a sensação de que sua entidade está ciente e de acordo com as reivindicações da categoria, criando um sentimento de pertencimento e representatividade perante toda a "classe bancária".

A Associação dos Bancários do Estado de São Paulo, também, procuravam estar inseridos em outros assuntos que não faziam referência direta os bancários, mas eram de extrema importância para os “trabalhadores brasileiros”.

Vemos a associação se manifestando a respeito da Lei 13. 489. Essa lei é referente aos acidentes de trabalho que na visão da associação bancária não oferecem indenizações justas aos trabalhadores acidentados, como fica claro no trecho a seguir:

“... cumpre-nos agora ventilar o importantíssimo problema referente as indenizações e que diz respeito a acidentes que resultam na perda do ante-braço ou de todo o membro.”

Em outra edição, número 19, o periódico da associação faz grande referência a “*Lei de Fechamento do Comercio*”, avisando a todos os bancários que foi promulgada a lei que modifica o horário dos estabelecimentos comerciais.

Portanto, conseguimos perceber que a entidade bancária sempre esteve inserida nas principais discussões que diziam respeito às demandas bancárias e da classe trabalhadora brasileira de maneira mais ampla.

Nesse período, as mutuais mesmo não identificadas com perspectivas de “lutas de classe” e ideologias de esquerda, não deixavam de se fazer presentes e sempre estavam ao lado dos trabalhadores que desejavam melhores condições de trabalho e vida, sejam eles operários tradicionais ou empregados/funcionários que trabalhavam nas cidades nos diferentes ramos.

2.2 - Ações de caráter educativo

Dentre as preocupações e prioridades que podemos identificar no jornal *Vida Bancária*, aparece o aprimoramento profissional como algo muito incentivado pela A.F.B.E.S.P. Para isso, eram oferecidos cursos específicos para o ofício bancário e a formação de uma biblioteca com títulos que estejam de acordo com as necessidades da categoria.

A primeira menção em *Vida Bancária* a respeito da Biblioteca da associação acontece na edição de número 14. Nesse primeiro momento o objetivo é incentivar os associados a doarem títulos. Desse modo, é citado o nome do associado que contribuiu, seguido de um agradecimento formal. Como podemos observar no pequeno trecho intitulado “Nossa Biblioteca”:

“ Pelo Sr. Benedicto Amaral, nosso presado consocio e ex-funcionário do Banco Ultramarino foram offertados á nossa Bibliotéca 6 volumes de diversas obras as quaes registramos desvanecidos/ Se o exemplo nobres do nosso colega acima fosse seguido pelos nossos associados, em breve teriamos realizado nosso desideratum..”

Na edição seguinte vemos o mesmo tipo de menção sendo feita a outra associada e funcionária da *Companhia de Seguros A. S. Paulo* a senhora *Beatriz Macchia* doadora de cinco volumes para a “*Biblioteca Bancária*”.

Desse mesmo modo, na edição de Agosto de 1927, é feita referência a outra doação do associado e funcionário do Bank of London o “ Sr. Yguatemy Pinto Nunes”.

Nessa edição comentam ,também, a compra de alguns títulos da “ *Livraria do Pensamento*” indicando que a biblioteca era formada não somente por livros que estejam ligados diretamente a formação profissional do bancários, mas também outros títulos mais generalistas que no entendimento da associação poderia contribuir para a formação intelectual dos associados.

“ Remetido por esta attenciosa Livraria, tivemos a honra de incluir em nossa Bibliotheca, alem das publicações que nos envia mensalmente, os seguintes livros: ‘ O Almanach do Pensamento para 1927’, o mais completo sob todo e qualquer ponto de vista, quer informativo quer astrológico, bem assim como dois magníficos trabalhos intitulados ‘ O Amor’ e ‘ A Corrente philosophica’ cujos autores é o bastante para que os livros tenham a consagração que merecem. “

Nesse trecho percebemos duas questões interessantes. A primeira é a compra de alguns títulos pela associação em parcerias com livrarias, mostrando que a biblioteca não era só constituída de doações e, também, o fato desses títulos doados/comprados muitas vezes não tinham um conteúdo especificamente profissional para a “*Classe*

Bancária". Por exemplo, temos *O Almanach do Pensamento para 1927* um periódico anual voltado para astrologia, horóscopo, cotidiano, receitas vegetarianas e outros conteúdos generalistas.³⁹

No decorrer dos anos as colunas destinadas às questões da "*Biblioteca Bancária*" tinham sempre o mesmo sentido, agradecer as doações e avisar empréstimos não devolvidos. Até que na edição 56, junho de 1929, acontece a "*Remodelação da nossa Biblioteca*" avisando que o sr. Agostinho de Mello Mendes componente da directoria, está responsável por essa iniciativa de ampliação da infraestrutura da referida biblioteca.

“ A nossa bibliotheca entre numa phase de franca remodelação. Para isso, a actual Directoria estabelece uma verba especial, destinada á aquisição de livros e de um novo mobiliario, suficientemente amplo para comportar uma bibliotheca digna de nossa classe.”

Percebemos que a iniciativa de montar uma biblioteca exclusiva para os associados rendeu bons frutos, permitindo até depois de alguns anos a expansão da biblioteca devido ao empenho dos bancários em melhorar, com a ajuda da associação, sua formação intelectual.

Uma outra iniciativa identificada no periódico *Vida Bancária* com esse mesmo objetivo: melhorar a formação intelectual e profissional dos associados, é a formação de cursos no período noturno visando complementar os conhecimentos , principalmente, de língua portuguesa, Inglês, Francês, matemática e contabilidade especifica para o ofício bancário.

O horário escolhido para os cursos já indicam a preocupação da associação com a logística dos funcionários, pois em outros períodos do dia, não seria possível contemplar os bancários devido a carga horária dos bancos que começavam a funcionar de manhã e se estende por grande parte da tarde.

A primeira edição em que é feito menção a formação de “cursos nocturnos...onde serão leccionadas diversas matérias de utilidade para a classe” é em maio de 1929, número 55. Para isso, após uma reunião com a directoria foi encaminhado aos sócios uma circular que veremos alguns trechos, abaixo:

³⁹ Park, Margareth Brandini. Histórias e leituras de almanaque no Brasil. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

“ Desejamos a essa Associação organizar em sua séde um curso nocturno para o ensino de alguma matérias julgadas uteis á nossa classe, como sejam contabilidade em geral e em particular a bancária, portuguez, frances, inglez e mathematicas, vimos, pelo presente, consultal-o sobre as materias que mais o interessam...”

Na edição seguinte temos outro texto, logo na primeira página, comentando a iniciativa da associação em promover “cursos nocturnos”. O teor do texto é de incentivo e alerta para os funcionários que não pretendem aprimorar seus conhecimentos. Esses são classificados como “encostados” aqueles “ que attribuem a razão de seu fracasso a tudo, menos a sua propria incompetencia “. Muito diferente dos profissionais que procuram complementar seus conhecimentos, para esses, “não ha barreiras intransponiveis; para eles todas as portas que dão para o exito abrem-se magicamente”.⁴⁰

Interessante notar quais cursos ou matérias seriam oferecidos nos “*cursos nocturnos*”. Temos a presença de línguas estrangeiras, o que faz todo o sentido, pois havia uma grande quantidade de bancos de outros países, principalmente europeus e estadunidenses. Nesse sentido, dominar o inglês e francês poderiam ajudar muito os funcionários a se destacarem na hierarquia das instituições financeiras com sedes em outros países.

Em outra coluna a associação bancária presta conta dos motivos pelo qual irá cobrar mensalidades dos alunos que participarem dos cursos. Virando assunto na edição de número 57:

“ Inutil será dizer que a Associação, creando esse departamento, visa apenas uma finalidade de grande alcance social, e não, como poderia parecer á observação de espiritos mal esclarecidos, qualquer margem de lucro material. E’ evidente que, si a Associação mantivesse esses cursos inteiramente as suas expensas, isso viria sobrecaregar demasiado os nossos cofres sociais, desviando, portanto, mesalmente, uma verba considerável das suas receitas, em detrimento do resto do nosso programa associativo...”

⁴⁰ Retirado de Vida Bancária, nº 56, junho de 1929.

Vemos no trecho acima a associação prestando esclarecimentos dos motivos em cobrar mensalidades dos futuros alunos. Deixando claro que a criação dos cursos não é uma estratégia para arrecadar fundos para a entidades, mas sim, ajudar na formação profissional dos associados e as mensalidades serviriam somente para suprir os custos do novo departamento da entidade.

Finalmente, na edição 60, é anunciado o formato e a data de início do “Curso de Contabilidades Bancária”. O curso terá duração de três anos e ao final o estudante receberá um certificado. Outra aspecto importante é o curso poder ser frequentado por “filhos e parentes próximos” dos associados. Revelando o cuidado que associação tem em fornecer “vantagens” não somente ao associado mas busca atingir toda sua família com suas programações.

CAPÍTULO 3 - A importância das atividades esportivas

Dentre as principais atividades desenvolvidas pela Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo a prática esportiva possui grande importância nos meios bancários. Como prova, temos a crescente importância destinada aos esportes no periódico *Vida Bancaria*.

As primeiras referências do esporte entre os bancários estavam restritos as pequenas colunas escritas entre os mais diferentes assuntos. Não havia um espaço destinado somente às discussões esportivas, mas com o tempo e percebendo o interesse dos associados foi inaugurado a chamada "*secção esportiva*".

Diferentes esportes eram praticados pelas populações urbanas no momento em que a associação começa a funcionar durante a década de 1920. O futebol já vinha recebendo grande destaque.

Todavia, nesse momento há outros esportes muito populares, como por exemplo, o boxe ou a natação, mas também outras atividades que hoje são consideradas crime e de grande crueldade como as rinhas de galo no qual conseguiam mobilizar e chamar a atenção de grande parte das pessoas.

Para o presente trabalho vou me ater somente aos assuntos relacionados com o futebol entre os bancários, não tenho o objetivo de estender a outros esportes. Pois, o futebol, nesse momento, já ganha contornos de um esporte popularizado, principalmente entre as classes populares e médias, mesmo tendo surgido nos principais clubes frequentados pelas elites "endinheiradas".

Como já foi dito anteriormente, os assuntos relacionados à prática esportiva nos meios bancários foi ganhando força gradativamente no jornal da associação *Vida Bancaria*. Abaixo, vemos a primeira menção aos esportes, ainda de maneira tímida:

“ Existe já em São Paulo, diversas associações de empregados. Os funcionários de bancos tem a sua; os empregados do comércio também a têm.

(...). Temos o clube bancário e há por ali quem fale de organizar uma Liga Bancária de Esportes.”⁴¹

No trecho acima, retirado do periódico *Vida Bancaria*, o assunto principal não é a criação da Liga Bancaria de Esportes, todavia é feita referência a essa iniciativa que nas próximas edições confirmam esse interesse em fundar a referida liga esportiva.

Nessa coluna chamada, "*Federação*", o associado R. Shnnorenberg compartilha sua idéia em formar uma *Federação Paulista de Empregados* congregando todas as associações e entidades que representam os funcionários de estabelecimentos comerciais no estado de São Paulo. Nesse contexto é citado o interesse na "Liga Bancaria de Esportes".

Nas edições seguintes, outros associados interagem com a questão colocada por R. Shnnorenberg, funcionário do Banco Francês e Italiano, em criar uma "*Liga Bancaria de Esportes*". A primeira resposta parte de F. Mercante membro da diretoria da associação.

Mercante mostra o quanto o futebol já estava ganhando espaço entre os bancários, sendo praticado em muitos bancos, e que faltava “somente a iniciativa dos interessados para proporcionar-nos lindas festas, dignas de nosso classe.”.

Devido a sua experiência com a extinta “Liga Bancaria de Funcionários dos Bancos do Rio de Janeiro” onde participou de competições de futebol, gostaria de contribuir na discussão a respeito da nova liga. Em sua opinião não deveriam deixar que surjam outras ligas sem o apoio da associação, pois desse modo,

“(...) consta-me que pretendem fundar uma liga, isolada da nossa associação. Isto, na minha opinião, representa um átomo separando-se do todo da - A associação - quando devemos trabalhar unidos, (...)”.

Logo adiante, Mercante, diz qual seria o melhor caminho para associação começar a organizar eventos esportivos.

“ Em vista do exposto, lembro a conveniência de partir da associação, não de uma ‘liga’, mas de ‘torneios amistosos’ entre os bancos

⁴¹Retirado de *Vida Bancária*, nº 8, Maio de 1924.

previamente convidados, devendo os respectivos teams serem compostos EXCLUSIVAMENTE POR ASSOCIADOS.”

Mercante termina sua coluna falando dos jogadores do London Bank, nos quais já estão preparados para organizarem e disputarem o primeiro torneio com outros bancos de acordo com as “bases supracitadas”.⁴²

Assim como era de imaginar outros associados também querem deixar sua opinião e participar das tomadas de decisões referentes a criação, ou não, de uma “Liga bancária de esportes”, ou de “torneios amistosos” entre bancários. Na edição seguinte, o bancário do London Bank e associado, Plinio S. Mendes deixa sua opinião sobre o assunto,

“ Começamos, pois, discordando do sr. F. Mercante, em que seja entregue a associação dos Funcionários dos Bancos a direção de um torneio de futebol. Aggremação de fins meramente beneficentes, não ficaria bem a ela estar se envolvendo em esportes. Não ficaria bem nem sobra tempo aos seus dirigentes para tal.”⁴³

Para esse associado, os “encargos” são muito altos e o tempo dos responsáveis pela associação muito pequeno para se preocupar com a “regulamentação e direção de um campeonato esportivo”. Todavia, Plinio S. Mendes, não é contra a organização de uma “competição de futebolistas dos diversos bancos de São Paulo” só não gostaria que a associação ficasse responsável pela “regulamentação” da competição, mas sim o “clube bancário”. Ao se referir aos estatutos do “clube bancário” ele diz: “Promovendo um torneio de futebol entre bancários, o clube não fugira de seu programma, como aconteceria com a associação.”

Em resposta, F. Mercante, entende que foi mal interpretado.

“ neste caso sou do parecer que competeria à diretoria, apenas, nomear uma comissão de interessados, competentes, para organizar, bem assim os departamentos de empregados, ensino, etc”.

Em relação ao clube bancário ser responsável por organizar os campeonatos, F. Mercante coloca que o “ Clube Bancário” quando organiza “reuniões dançante dos

⁴²Retirado de Vida Bancária, nº 9, Junho de 1924.

⁴³ Retirado de Vida Bancária, nº 10, Julho de 1924.

pseudos funcionários bancários!”, permite a entrada de pessoas que não são bancários e o mesmo aconteceria com um campeonato de futebol. Pois, o clube bancário “pode ser constituída por elementos estranhos aos bancários” e desse modo “teremos os teams dos bancos enxertados de elementos estranhos”.

A discussão envolvendo os diferentes associados a respeito da organização de um "Campeonato de Futebol bancário" ou uma "Liga Bancária de Esportes" aconteceu de maneira espontânea nas páginas do periódico Vida Bancária. Esse debate nos permite observar o quanto o periódico da associação pode contribuir para mapearmos quais os principais assuntos discutidos entre os funcionários dos bancos do estado de São Paulo.

Considero a discussão sobre a criação da *Liga* como “espontânea”, pois ainda não tínhamos uma seção esportiva consolidada. Somente a diretoria da associação incentivando os associados a participar e escrever nos espaços destinados as publicações.

O objetivo em expor essa discussão, a respeito da criação da "*Liga Bancária de Esportes*", é mostrar como as demandas dos associados ganham espaço gradativamente no periódico e vão sendo publicadas conforme ganham força e mobilizam os associados a escrever sugestões e críticas.

3.1 - O futebol como instrumento para a construção da identidade bancária

A discussão envolvendo a prática do futebol entre os bancários vai ganhando força a partir da 20ª edição do jornal *Vida Bancária*, pois é destinado um espaço específico para as discussões esportivas chamado, “*Secção Esportiva*”, sobre a responsabilidade de Odilon Penteado Amaral como “redactor”.

Odilon é quem inaugura a nova “*Secção Esportiva*” com um texto intitulado *O Futebol*. Logo no primeiro texto inaugural com o espaço destinado aos esportes em *Vida Bancária* já fica claro qual seria o papel desempenhado pelo futebol no associativismo bancário liderado pela Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo.

O chamado “esporte bretão” é colocado como uma atividade,

“respeitada e cultuado por todas as classes sociais, quaesquer que sejam as suas idéias, políticas, religiosas e filosóficas...Todas as

divergencias de opiniões, todos os antagonismos de interesses se extinguem, como por encanto, em torno de um campo de futebol, sobre o qual os representantes de dois clubes adversários disputam ardorosamente a victoria”.

Outra característica que Odilon destaca são os benefícios físicos e mentais fornecidos pela prática do futebol.

“ ha para isso uma razão capital: a vida contemporanea é uma aspera e formidável batalha, que exige do homem, não só capacidade mental, como resistência organica (...) Armar, pois, o cidadão, com esses dois elementos: preparal-o para o victória certa e revestil-o da necessária capacidade de resisencia para enfrentar os tremendos encargos da vida é, em summa: tornal-o apto para o desempenho da sua funcção social como quantidade positiva no seio da collectividade.”⁴⁴

Portanto, o futebol é colocado como um espaço de sociabilidade onde as diferenças de classes sociais e culturais são deixadas de lado para uma grande confraternização.

A associação juntamente com *Vida Bancária* estão interessados em mostrar a importância da prática esportiva para beneficiar a “ capacidade mental” e “ organica” possibilitando desempenhar melhor desempenhar “ sua funcção social”. Essa será a tônica dos textos a respeito do futebol entre os bancários.

Interessante notar o termo utilizado "funcção social". Na perspectiva de Odilon e da associação as pessoas teriam uma função social já pré determinada onde não caberia questionamentos e o esporte ajudaria a manter essas pessoas em suas “funcções”.

Logo no primeiro texto, somos capazes de perceber a importância que o futebol terá para propagandear e difundir os bancários como funcionários moralmente elevados e respeitadores de seu papel na sociedade. Muito diferentes de outros movimentos associativos de esquerda que visavam a confrontação com o patronato e o questionamento das relações de classe entre trabalhadores e patrões.

O periódico *Vida Bancária* funciona como uma ferramenta de divulgação e construção da identidade bancária que através de festejos ou eventos esportivos incentivaram uma série de valores comportamentais e morais tidos como válidos para toda a “classe bancária”.

⁴⁴ Retirado de *Vida Bancária*, nº 20, Maio de 1925.

A A.F.B.E.S.P busca monopolizar a idéia de representante dos “interesses bancários”, nos quais não entram em conflito com os interesses do patronato banqueiro. O futebol aparece como uma ferramenta capaz de sensibilizar e angariar a confiança das instituições financeiras que através do esporte mostram a importância da “classe bancária” ter uma associação como sua “porta voz” buscando expor os desejos e anseios dos bancários.

Na edição seguinte o texto apresentado na “*secção esportiva*” reafirma esse compromisso e a capacidade do futebol em unir todas as classes sociais em torno de um único objetivo, que seria a contemplação do esporte,

“saem todos ganhando, sentido-se presos de uma alegria imensa, tanto o médico, advogado, capitalista, proprietário, como o barbeiro, padeiro e carroceiro, sendo, portanto, um esporte democratizador”⁴⁵

Em outro momento, o periódico relaciona o engajamento que as sociedades têm com os esportes e os níveis de “desenvolvimento” e “progresso” alcançado pelos países. Em uma coluna chamada, “*O Esporte e Progresso*” na edição número 30 de *Vida Bancária*, assinada por P.M Netto, essa relação é destacado da seguinte forma:

“O esporte pode ser comparado a um termómetro pelo qual se pode medir o grau de progresso e civilização de um povo...Não é de convir pois, que deante de um exemplo como esse, tão perto de nós continue o Brasil na inactividade, fingindo desconhecer o valor indiscutível do esporte.”⁴⁶

O exemplo no qual o trecho acima se refere é a Argentina, com destaque para a importância da cidade de Buenos Aires no desenvolvimento esportivo. Essa relação entre esporte e desenvolvimento faz parte da estratégia da associação para chamar a atenção dos governantes e dos patrões banqueiros para a necessidade de financiar o esporte, principalmente entre os bancários.

Pois, diferente de entidades de esquerda, para a A.F.B.E.S.P os esportes não funcionam como um reflexo da luta de classe ou da tentativa das classes burguesas de alienar a classe trabalhadora, mas sim um instrumento que ajudaria a alcançar o

⁴⁵Retirado de *Vida Bancária*, nº 21, Junho de 1925.

⁴⁶ Retirado de *Vida Bancária*, nº 30, Julho de 1925

desenvolvimento e o progresso que beneficiaria a todos, trabalhadores e patrões, como as últimas linhas da coluna “*O Esporte e Progresso*” deixa claro:

“É preciso difundir entre os brasileiros o gosto pelos exercícios ao ar livre, para que a geração de amanhã tendo alma forte e físico seja capaz de competir sem desvantagem com outros povos, na estrada do progresso”⁴⁷

3.2 - A diferença entre recepção do movimento operário à popularização do futebol e a Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo

A perspectiva a respeito do futebol incentivada pela A.F.B.E.S.P é muito diferente da posição de entidades mais próximas de perspectivas anarquista e comunistas. Nesse momento, durante a década de 1920, os anarquistas e comunistas não viam de maneira positiva a grande difusão dos esportes entre os trabalhadores.

Para os militantes das ideologias de esquerda, os trabalhadores não deveriam dispensar grande atenção com as atividades esportivas, principalmente se praticadas nos clubes identificados com as classes mais abastadas.

Dentre os descontentamentos com os clubes esportivos e a prática do futebol, duas questões permeiam o debate entre as entidades de esquerda: a luta de classe e o operariado como um campo de disputa em que o futebol teria papel central enquanto agente mobilizador.

Fátima Antunes (1992) em *Futebol de Fábrica em São Paulo* dedica uma parte de seu trabalho de mestrado a entender a relação estabelecida entre o futebol e as entidades de trabalhadores identificadas com ideologias de esquerda, como os anarquistas e comunistas.

A autora coloca que durante as duas primeiras décadas do século passado os *matches de foot-ball* estavam presentes nos festivais promovidos pelos anarquistas.

Esses festivais tinham caráter doutrinador e propagandístico das idéias libertárias e o futebol, assim como, bailes dançantes e peças de teatro faziam parte da programação.

Os militantes anarquistas compreendiam a eficácia do futebol como um instrumento aglutinador e de grande mobilização da classe trabalhadora. Mesmo assim,

⁴⁷ Idem.

essas atividades eram criticadas, principalmente os bailes dançantes e o futebol por serem elementos culturais burgueses, identificados com as classes mais abastadas, entretanto eram tolerados pois sabiam da capacidade e a identificação da classe trabalhadora com essas atividades.

Entre os finais dos anos 1920 e começo dos 1930 este posicionamento começa a mudar, tanto entre anarquistas quanto comunistas. A imprensa operária começa a denunciar a articulação e presença das classes dominantes nos bairros operários, promovendo ,dentre outros atividades, os clubes de futebol.

Para a imprensa anarquistas e comunista isso seria uma tentativa de dominação e distração da classe trabalhadora em relação aos assuntos que ,supostamente, deveriam interessar aos trabalhadores como, por exemplo, a luta de classes e reivindicação inerentes ao mundo do trabalho.

Um importante jornal operário de orientação anarquistas e que refletia o pensamento de grande parte da imprensa operária é *A Plebe*. Nele encontramos passagens que comprovam a posição desses grupos durante os anos 1930:

“Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe uma massa bruta: o esportes, o padre e a política.”⁴⁸

No trecho acima, o termo "massa bruta" tem o sentido de uma população pouco esclarecida e não consciente de sua real condição de dominação. Posicionamento muito diferente dos anos 1910 e 1920 quando as atividades esportivas eram toleradas e incentivadas.

Nesse momento, entre os anos 1920 e 1930, os anarquistas carregavam um forte “puritanismo ideológico”, onde elementos culturais burgueses são banidos da convivência das entidades anarquistas. Agora, os festivais e encontros anarquistas deveriam ter somente carácter educativo e de formação política. Por outro lado, para os comunistas, esse pensamento em relação aos esportes também sofre mudanças durante os anos 1920 e 1930.

As mudanças com relação a visão que os comunistas tinham do futebol está ligado, sobretudo, a questão da capacidade aglutinadora e mobilizadora que a prática do

⁴⁸ Retirado de *A Plebe*, 28/01/1933, citado por Antunes (1992).

futebol tinha entre os setores mais populares da sociedade. O esporte, antes tido como “imposto” pela burguesia, começa a ganhar o sentido de “lazer operário” que agora seria contraposto à “cultura burguesa” e incentivado enquanto “esporte proletário”.⁴⁹

Para Fátima Antunes essa campanha de “proletarização do esporte” incentivado pelos sindicatos e grupos comunistas visavam atingir os clubes de futebol e atrair os jovens operários as atividades sindicais e políticas.

Como fica claro no trecho abaixo estavam cientes da necessidade de organizar a juventude e o futebol seria um campo de disputa entre o patronato burguês e as entidades de classe alinhadas com ideologia comunista.

“ Viva o Esporte Protetário!

A necessidade do esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes”⁵⁰

Outro autor que trata dessa relação entre futebol e movimento operário é Uassyr de Siqueira em *Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a primeira república*.

Nesse texto ele coloca o conflito já destacado entre o “puritanismo ideológico” presente na militância anarquistas e a necessidade de cativar e atrair o interesse popular para as concepções libertárias de ideologia anarquista através de atividades identificadas como burguesas, por exemplo, o futebol.⁵¹

Uassyr mostra o descontentamento de um importante periódico anarquista, *A Vanguarda*, com as divisões impostas pela Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). A associação propunha dividir os clubes de futebol da cidade de São Paulo, segundo o jornal,

⁴⁹ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Revista USP. São Paulo, v.22, p.102-109, 1994.

⁵⁰ Retirado de *O Trabalhador Gráfico*, 25/05/1928, citado por Antunes (1992).

⁵¹ SIQUEIRA, Uassyr. **Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a primeira república**. Revista Esboços, UFSC, 2007.

“ três ou quatro clubes fortes, assim chamados porque contam entre seus associados burgueses endinheirados...dividir os clubes fracos dos fortes de modo que os clubes nobres ficassem separados dos plebeus”.

Portanto, para as entidades de esquerda, muito diferente da Associação dos Funcionários Bancários do Estado de São Paulo (A.F.B.E.S.P) o futebol não é um esporte totalmente “democratizador” que incentiva o fim de todas as “divergências de opiniões” conforme os praticantes entram em campo, como coloca *Vida Bancária*. Mas um espaço onde as lutas de classes esta presente assim como nas diferentes relações sociais, dividindo a sociedade entre os mais abastados e menos abastados.

Portanto, dentro da visão das entidades sindicais, libertárias e comunistas o futebol seria um espaço de continuidade das lutas de classes.

Para a A.F.B.E.S.P nos esportes e, principalmente, no futebol não há espaço para discursos reivindicatórios ou de disputas com o patronato banqueiro. Para a associação bancária o futebol é colocado como um momento de lazer e confraternização entre os funcionários dos bancos.

A popularização do futebol entre os bancários funciona como um importante instrumento para conquistar a confiança e o apoio dos banqueiros perante a associação.

Nos trechos a seguir retirados de *Vida Bancaria* vamos observar o teor paternalista exercido pelos banqueiros no financiamento de clubes esportivos de seus respectivos bancos e, também, dos campeonatos organizados e propagandeados pela A.F.B.E.S.P que a todo momento pediam para os bancos ajudar na formação de clubes e times de futebol aptos para participarem dos campeonatos promovidos pela associação bancária.

No artigo de Miguél Enrique Stédile intitulado *Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação* é discutido a relação estabelecida entre os operários de fábrica e o patronato industrial quanto a formação de clubes de futebol fabris.

O autor chama a atenção para a relação conflituosa entre a busca por maior autonomia por parte dos trabalhadores para gerir e participar dos clubes fabris e a tendência dos industriários em dominar as decisões relativas aos clubes, levando em conta que eles financiavam e subsidiavam os clubes de futebol.

Para o nosso presente trabalho, as reflexões de Stédile nos ajuda a compreender os aspectos *paternalistas* presentes na relação entre os funcionários bancários e o

patronato banqueiro na formação e funcionamento dos clubes esportivos e nos times de futebol financiados pelas respectivas instituições financeiras.⁵²

Desse modo, entendemos o papel desempenhado pela A.F.B.E.S.P como agente mediador incentivando os funcionários a se organizarem em torno de valores éticos e morais que agradassem os banqueiros, e como contrapartida conquistassem benefícios em opções de lazer e sociabilização para os funcionários dos bancos associados e seus familiares.

Vamos perceber que do mesmo modo que os operários fabris gostariam de contar com o apoio dos industriários, os bancários representados pela A.F.B.E.S.P usavam o periódico *Vida Bancária* para conscientizar e estimular os bancos a ajudar na formação e manutenção dos clubes. Estabelecendo uma relação de gratidão e parceria muito vantajosa para os dois lados. Pois, para os bancários isso permitiria alcançar melhores condições de trabalho, lazer e sociabilização. Enquanto para os banqueiros, eles teriam a gratidão dos funcionários e poderiam exercer uma relação paternalista sobre os bancários ao serem identificados como patrões sensíveis a situação de seus funcionários.

O periódico da associação além de destacar os bancos que mais ajudam seus funcionários a formar clubes e times de futebol, por outro lado, não deixavam de denunciar, e em alguns casos até expor as instituições financeiras que não incentivam a formação de clubes para os funcionários e familiares, como fica claro no trecho a seguir:

“ Belissimo têm sido os jogos ultimamente realizados. Muita disciplina e camaradagem entre jogadores e uma torcida féra...A continuar desse jeito o Campeonato Bancário, do proximo anno, será extraordinário, pois penso deveremos contar com o auxilio do Banco Commercial e do Banco de S. Paulo que este anno, infelizmente, não poderam prestar seu concurso.”⁵³

Vemos que na entrevista acima, feita com um jogadores do time bancário C.E Induscomio, é falado o nome de dois bancos que não participaram do último campeonato proposto pela associação. Essa parte da entrevista poderia ser excluída da publicação final, mas o *Vida Bancária* expõe o nome das instituições que não

⁵² STÉDILE, Miguel Henrique. **Futebol operário como espaço de autonomia e dominação**. Espaço Plural. Toledo, v14,nº29, p.15 - 44, 2013.

⁵³ Retirado de *Vida Bancária*, nº 56, Junho de 1929.

participaram e enaltece as instituições que enviaram times. Essa estratégia se repete em outras publicações com o objetivo de encorajar a formação de times de futebol.

Em outro texto chamado “*Futebol Bancário*”, assinado pelo novo *redactor* P. Memolo Netto, é destacado a falta de estímulos de alguns bancos em formar clubes esportivos e times aptos a participarem dos campeonatos promovidos pela A.F.B.E.S.P, como fica claro no trecho a seguir:

“...somos forçados a reconhecer, muito a contra gosto, que uma parte de nossos quadros pecca por falta de uma perfeita organização, enquanto à outra depercece á mingua de estímulo.”⁵⁴

Em outro momento, nesse mesmo texto, é discutido a relação entre esportes e a produtividade dos bancários. O texto continua:

“ Passando longas horas arcados sobre uma escrivaninha, na árdua tarefa de enfileirar algarismos, dispendendo com isso grandes reservas de energia, todo a organismo reclama, depois, a pratica salutar dos esportes, para refazer-se dessas perdas de vitalidade”⁵⁵

No trecho acima, fica claro a estratégia utilizada pela A.F.B.E.S.P para sensibilizar o patronato banqueiro da importância em promover a formação de clubes esportivos aos seus funcionários bancários. A associação busca mostrar o quanto a prática de esportes e a formação de times de futebol é importante para melhorar a produtividade de seus funcionários. Portanto, a estratégia reformista e legalista escolhida pela associação para incentivar os bancos a promover clubes e times deve ser pensadas dentro das possibilidades legais e culturais em que os bancários estavam inseridos.

Dentro desses limites impostos à associação não há espaço para reivindicações com teor combativo. Muito diferente de entidades ligadas a grupos anarquistas e comunistas.

⁵⁴Retirado de Vida Bancária, nº 52, Fevereiro de 1929.

⁵⁵ Idem

Considero esse texto intitulado “*Futebol Bancário*” como um dos melhores exemplos para compreender as táticas de mobilização e conscientização utilizadas pela A.F.B.E.S.P para chamar a atenção para as reivindicações dos bancários.

A associação bancária buscava a conciliação com o patronato banqueiro, não o embate. O objetivo seria angariar o apoio dessas instituições financeiras a fim de legitimar a importância da associação como representante da “classe bancária”, colocando essas pessoas como “disciplinadas” e respeitadoras da importância e do papel desempenhado pelos banqueiros na sociedade.

Através de concessões e conciliações promovidas pela associação utilizando o futebol como um importante instrumento, foi possível reivindicar de modo menos conflituoso melhorias nos benefícios concedidos pelos bancos aos funcionários bancários.

Para a associação bancária, muito diferente de outras entidades de classe que atuavam nas primeiras décadas do século XX ligadas a anarquistas e comunistas, os negociações com o objetivo de conseguir melhorias nas condições de vida e trabalho dos bancários passaria por uma concepção de “troca”.

Nesse sentido, mediante o bom comportamento dos bancários, não promovendo atitudes conflituosas e agindo na legalidades seriam merecedores de benefícios. Do mesmo modo que a partir dos benefícios e melhorias concedidas pelos bancos, seus funcionários se sentem valorizados e seriam mais produtivos, como uma forma de agradecimento aos benefícios concedidos.

Para isso, a A.F.B.E.S.P deveria propagandear os bancários como disciplinados, éticos e moralmente elevados. Pessoas que cultuam os valores familiares tradicionais e respeitadores das regras e da ordem estabelecida. Para isso, a todo momento é colocado em *Vida Bancária* a presença de familiares e membros das diretorias das instituições financeiras nos eventos esportivos, a fim de provar o quanto os encontros ocorriam sem nenhum tipo de desordem ou com teor político explícito.

Em um encontro no Esporte Clube Sudameris é falado que grande parte dos presentes eram os senhores “Diretores do creditado estabelecimento, acompanhando-os suas exmas famílias”⁵⁶. Portanto, ao promover os encontros esportivos é importante demarcar a presença de funcionários do alto escalão bancário e um ambiente familiar.

⁵⁶ Retirado de *Vida Bancária*, n° 71, Setembro de 1930.

Em outros momentos o periódico pretende colocar a “classe bancária” como disciplinada e ordeira, divulgando os campeonatos e encontros esportivos como,

“partidas estas realizadas sempre dentro de toda ordem e disciplina, e reinando em todo ellas grande entusiasmo por parte dos torcedores, os quaes também se portaram com toda a urbanidade”.⁵⁷

Uma questão que aparece com mais clareza, principalmente nos anos 1930, todavia foge do recorte proposto para este trabalho, é o futebol como um instrumento propagandístico e publicitário, no sentido mercadológico do termo, revelando uma oportunidade para as instituições financeiras que financiavam times de futebol que participavam das competições⁵⁸.

No jornal *Vida Bancária*, é frequentemente noticiado a formação de novos clubes bancários financiados pelos respectivos bancos. Quando isso acontece, muitas vezes, o periódico fala da “honra” que os funcionários terão em “levantar bem alto o nome do Banco que representam”, como fica claro no trecho abaixo:

“A direcção do Banco, em boa hora, doou a nova sociedade esportiva todo material que se fazia mister, animando e encorajando, por essa forma, todo esse pugilio de moços esforçados que, naturalmente, irão levantar bem alto o nome do Banco que representam”.⁵⁹

Não há uma idéia muito clara de “propaganda” ou “publicidade” como nos anos 1930, mas percebemos que os clubes e times de futebol formados por funcionários de determinadas instituições financeiras entram como um instrumento capaz de criar laços identitários em que ajudariam as pessoas a se sentirem fazendo parte do grupo e podendo participar diretamente na formação da identidade de cada instituição financeira do estado de São Paulo. Como fica claro em um trecho de *Vida Bancária* em que é comentado um “*match amistoso*” entre o C.E Induscomio e C.E Sudameris:

⁵⁷ Retirado de *Vida bancária*, nº 70, Agosto de 1930.

⁵⁸ Na edição de Novembro de 1939 no texto intitulado *O esporte como factor da propaganda comercial* é colocado a questão da propagando e publicidade em torno dos clubes de futebol da seguinte forma: “*Desde a muito vem se observado que o esporte é um dos factores mais preponderantes para a propaganda comercial e segundo a conducta dos elementos que representam os estabelecimentos é que ficam os mesmos conhecidos, solidificando sua reputação. Os exemplos que se pode apontar são inúmeros, entretanto, limitamo-nos ao confronto entre a difusão do esporte do meio bancário e do comércio em geral...*”

⁵⁹ Retirado de *Vida Bancária*, nº 32, Maio de 1927.

“Tornou-se assim o Induscomio detentor de um bello tropheu, que tem a significação moral acentuada, por ter sido conquistado numa festa de cordialidade, entre elementos que mourejam os mesmos ramos de trabalho”.⁶⁰

Muito além da identidade restrita a cada instituição bancária e seus funcionários a Associação dos Bancos do Estado de São Paulo busca construir uma identidade para toda a “*Classe bancária*” incentivando determinados comportamentos e excluindo outros. Para isso as competições esportivas e outros eventos cumpriam um papel importante nessa estratégia incentivada pela A.F.B.E.S.P.

Para A.F.B.E.S.P, como foi demonstrado nos exemplos destacados, os campeonatos e eventos futebolísticos reforçam os compromissos firmados no estatuto da associação bancária de promover canais de sociabilização e incentivar a construção identitária da “classe bancária” como trabalhadores “éticos”, “ordeiros” e respeitadores do *status quo* da sociedade em que estavam inseridos.

Procurei demonstrar a importância que o futebol veio adquirindo nos mais diferentes setores da sociedade brasileira e paulista e sua capacidade em mobilizar os funcionários bancários na construção de sua identidade durante a década de 1920 e o quanto ele poderia ser ressignificado conforme as intencionalidades presentes nos diferentes grupos políticos que incentivam sua prática.

⁶⁰ Retirado de *Vida Bancária*, n° 61, Novembro de 1929.

CONCLUSÕES

Por fim, podemos concluir com o presente trabalho a capitularidade exercida pela Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo nas relações sociais e de trabalho dos bancários durante a década de 1920.

Percebemos o quanto a entidade busca diversificar sua atuação. Não se restringindo somente a questão mutualista/previdenciária, mas como alertou Cláudio Batalha (2009) é necessário percebermos a presença do *Caráter Híbrido* nesse tipo de movimento associativo entre a virada do século XIX para as primeiras décadas do XX abarcando ações de cunho educativo e sindicalista/reinvidicativo.

A entidade bancária é um bom exemplo da complexidade inerente às mutuais pertencentes à categorias profissionais de trabalhadores especializados que compunham os setores medianos da sociedade urbana brasileira.

Toda e qualquer tentativa de hierarquizar essas experiências como algo "*ideal*" ou "*digno de ser estudado*" sem maiores comprovações empíricas não permitirá compreender com maior clareza os múltiplos processos históricos de ruptura e continuidade inseridos nas sociedades mutualistas nas primeiras décadas do século XX.

A A.F.B.E.S.P mostra o quanto era possível conciliar uma atuação "*reformista*" e "*legalista*" e ser atuante nas principais questões reinvidicativas pertencentes ao mundo do trabalho e social de seus associados e representados.

Em outro momento, tendo como referencia o trabalho de Viscardi (2014) procurei mostrar o quanto a mutual bancária tinha o objetivo de construir um identidade, ou "*ethos*", dos funcionários que trabalhavam nos bancos. Para isso, deveriam se valer de estratégias e instrumentos que cativassem e chamassem a atenção dos funcionários.

Dentre esses instrumentos e estratégias identifiquei a prática do futebol, através da formação de *teams*, juntamente com a promoção de campeonatos, festivais e jogos amistosos como um elemento capaz de propagandear e difundir valores compartimentais e morais inerentes aos funcionários bancários em detrimentos de outros valores que deveriam ser excluídos da convivência bancária.

Portanto, percebemos o quanto a Associação dos Funcionários dos Bancos do Estado de São Paulo buscou um discurso conciliador para com o patronato banqueiro, ciente dos limites legais em que estava inserido na recém constituída republica brasileira

que ainda carregava muitas características de uma sociedade escravocrata. Mas que permitiu conquistar importantes avanços nas relações trabalhistas e de sociabilidade dos seus associados e familiares.

FONTES

Arquivo

Centro de Documentação e Memória dos Bancários (CEDOC-Digital)

Periódico *Vida Bancária*, do número 01 ao número 71, do período de Outubro de 1924 à Setembro de 1930.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Revista USP. São Paulo, v.22, p.102-109, 1994.

ANDRADE, S. Humberto. **Gráficos e Mutualismo: a trajetória da Associação Tipográfica Baiana** (Salvador, final do século XIX e início do século XX). Assis. 2014. p. 25.

BATALHA, Claudio. **Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil**: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz do produção recente. Revistas Mundos do Trabalho. Unicamp, 2009.

BIONDI, Luigi. **Classe e Nação**: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011

CLAWSON, Mary. **Constructing brotherhood: classa, gender, and fraternalism**. New Jersey, Princiton University Press, 1989, p.10.

CONÊDO, Letícia Bicalho. **Bancários**: aspirações de carreira, organização sindical e participação política. Editora Símbolo, USP, 1978.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LUCA, Tânia Regina de. **O mutualismo em São Paulo**: o sonho do futuro assegurado. Editora Contexto, USP, 1990.

MUNCK, Ronaldo. Mutual Benefit Societies in Argentina: **Workers, Nationality, Social Security and Trade Unionism**. Journal of Latin American Studies Vol. 30, No. 3. Cambridge University. 1998, p. 573-590.

POPINIGIS, Fabiane. **Protetários de Casaca: Trabalhadores do Comércio Carioca (1850 - 1911)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SIQUEIRA, Uassyr. **Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a primeira república**. Revista Esboços, UFSC, 2007.

STÉDILE, Miguel Henrique. **Futebol operário como espaço de autonomia e dominação**. Espaço Plural. Toledo, v14,nº29, p.15 - 44, 2013.

THOMPSON, E.P. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, V.III. p. 340.

THOMPSON, E.P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**, 3ª ed. Revista Ampliada. Org. Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas. IFCH- Unicamp. 1998. p. 31.

VISCARDI, Cláudia. **O Ethos mutualista: valores, costumes e festividades**. In: Organizar e Proteger: Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 193-218.